

## Capítulo 4º

### O ESPÍRITO SALESIANO

*“O que aprendestes, recebestes, ouvistes e vistes em mim, praticai-o.  
E o Deus da paz estará convosco” (Fl 4,9).*

Escrevendo aos seus cristãos, São Paulo apresenta um trecho autobiográfico: é um extraordinário sinal de amável relacionamento pessoal (paternidade) e, ao mesmo tempo, consciência vigilante da necessidade de modelos concretos e dignos de fé para cristãos expostos a confusões e equívocos. (cf. 1Ts 4,1; 1Cor 4,16).

No caso da comunidade de Filipos, isto aconteceu porque os adversários confundiam as comunidades, propagando um Evangelho e um espírito que não era o de Paulo, autêntico apóstolo de Cristo.

Aí está a razão primeira da vigorosa denúncia (3,15-21), pela qual uma famosa polêmica, uma séria advertência é apresentada por Paulo em primeira pessoa. Falando de forma positiva e com termos práticos, justamente com quatro verbos - que, por um lado, indicam a autoridade do seu testemunho e do seu magistério e, por outro lado, manifestam a experiência vital e íntima vivenciada pelos discípulos - Paulo sublinha a absoluta necessidade de acolher a “Tradição” da qual ele é o mediador, a fim de seguir no caminho do Deus de Jesus Cristo. Somente assim, sua paz, a plenitude dos bens messiânicos, estará com a comunidade (cf. Rm 15,33; 1 Cor 14,33).

É evidente a chamada, a um tempo afetuosa e aflita, à fidelidade a Dom Bosco, como fonte primária e autêntica do espírito salesiano, enquanto ele mesmo, como Paulo, é um genuíno imitador do Evangelho de Cristo e, por isso mesmo, modelo autorizado e imprescindível para os Cooperadores. Por isso, em quase todos os artigos deste capítulo - com exceção de três deles - a figura de Dom Bosco está sempre em primeiro plano, como aquele que transmite, de pai para filhos e filhas, os valores do seu espírito.

## PREMISSAS

### 1 Inspiração fundamental

O Vaticano II tinha convidado “os que se inscreveram em alguma das associações ou institutos aprovados pela Igreja a se esforçarem para assimilar fielmente as características da espiritualidade que lhes é própria.”(1)

Em resposta a este convite e seguindo o exemplo de seus irmãos religiosos, os Cooperadores quiseram que no seu Novo Regulamento houvesse um capítulo dedicado à descrição do espírito salesiano, que levasse na devida conta a sua característica de apóstolos seculares salesianos. Ao final de um longo e difícil caminho, este objetivo foi alcançado: trata-se do capítulo 5º do Novo Regulamento. (2) E isto foi mantido na revisão do mesmo.

Como o espírito salesiano é um valor comum de toda a Família Salesiana e os Salesianos têm a responsabilidade de garantir-lhe a unidade de espírito, se compreende por que o texto das suas Constituições (com o relativo comentário) representa para os Cooperadores o mais autorizado documento de referência.

De fato, ele inspirou os redatores do Regulamento de Vida Apostólica naquilo que se refere aos componentes essenciais do espírito salesiano, comuns a todos os Grupos da única Família, mas evidentemente não naquilo que diz respeito às modalidades seculares com as quais estas

características são vividas pelos Cooperadores e pelas Cooperadoras. Na sua essência, o atual capítulo 4º é profundamente salesiano, sem deixar de ser profundamente secular. Isto se deve em boa parte às contribuições enviadas pelos próprios Cooperadores nos anos de 1983 a 1985 para a revisão definitiva do Novo Regulamento. (3)

Na sua Carta aos Cooperadores Salesianos, com data de 6 de junho de 1986, o Reitor-Mor dedica toda a segunda parte para realçar os laços entre estes dois aspectos inseparáveis da vocação do Cooperador: a sua secularidade e a sua salesianidade. Com este enfoque, ele se compraz em fazer um breve comentário justamente ao capítulo 4º do Regulamento a respeito do “espírito salesiano de Dom Bosco”. São páginas iluminadoras e vigorosas que merecem uma leitura atenta.<sup>4</sup>

## **2 Articulação do capítulo**

Composto por dez artigos, este capítulo está dividido em quatro partes:

- 1) O artigo 26 é introdutório: explica o que é o espírito salesiano herdado de Dom Bosco.
- 2) Os artigos 27-28 descrevem seus valores fundamentais: viver o espírito salesiano é participar da “experiência de Espírito” do Fundador:
  - na sua percepção do mistério cristão: “cooperar com Deus” (art. 27)
  - e na sua caridade pastoral no Espírito (art. 28).
- 3) Os artigos 29-32 descrevem o espírito salesiano entendido como estilo de vida e de ação e da forma como é vivido pelos salesianos “seculares”:
  - estilo de presença no mundo (otimismo e realismo) (art. 29)
  - estilo de ação (iniciativa, flexibilidade e coragem) (art. 30)
  - estilo de relações (alegria e espírito de família) (art. 31)
  - estilo de oração (simples e vital): que faz conexão com os artigos seguintes (art. 32).
- 4) Finalmente, os artigos 33-35 descrevem a vida de oração “salesiana” do Cooperador:
  - Palavra e Sacramentos (art. 33)
  - momentos fortes de discernimento e renovação (art. 34)
  - devoções salesianas privilegiadas (art. 35).

## **3 A extraordinária salesianidade deste capítulo**

Como se pode ver, trata-se de um capítulo riquíssimo, que merece uma meditação mais aprofundada do que os capítulos precedentes: atinge as profundidades do coração do Cooperador, descreve o que dá forma, calor, fragrância e originalidade salesiana aos seus diferentes comportamentos, até mesmo aos mais cotidianos. Nem todos os Cooperadores podem se empenhar nas numerosas atividades descritas nos capítulos 2º e 3º, mas todos podem e devem viver e agir conforme o estilo descrito neste capítulo. Cooperadores idosos ou em plenas forças ou jovens: tornar-se-ão “irradiadores” de salesianidade, cada qual com suas próprias nuances.

Note-se que este capítulo, bem mais do que os outros, apresenta citações típicas ou referências explícitas a Dom Bosco (treze, ao todo): foi a ele que se procurou vincular os traços do espírito salesiano, porque foi ele que viveu este espírito de maneira “fontal” e genuína, sob a inspiração do Espírito Santo, como diz justamente o primeiro artigo, e como o sugere logo a citação bíblica que inicia o capítulo.

Todavia, note-se também uma formulação linguística importante. Existe uma diferença entre “o espírito de Dom Bosco” (de que fala o artigo 19 §1º), isto é, o espírito do Fundador, da forma como ele próprio o viveu, e “o espírito salesiano”, de que fala este capítulo: é claro que o

espírito salesiano inclui o espírito “de Dom Bosco” em pessoa, mas é mais amplo e, em certo sentido, mais rico; é o espírito de Dom Bosco provado, vivificado e feito frutificar por milhares de discípulos, homens e mulheres, durante um século de tradição salesiana. Sua experiência global permitiu o discernimento dos traços evangélicos mais decisivos do espírito do Fundador.

#### NOTAS DO CAPÍTULO 4º

- 1 AA 4h.
- 2 Cf. MIDALI, Mario. Nella Chiesa e nella Società con Don Bosco Oggi. Torino, Elle Di Ci, 1974, p.193.
- 3 Cf. Atti e Documenti del 2º Congresso Mondiale Cooperatori Salesiani, p.78-80.
- 4 VIGANÒ, Egídio. L'Associazione dei Cooperatori Salesiani. In: ACS, n. 318 (jul./dez. 1986), p.12-42. Conservam ainda todo um seu valor os escritos de AUBRY, Joseph. Lo Spirito Salesiano. Lineamenti. Roma, Ed. Cooperatori, 1972. 170p.; MIDALI, Mario. Dimensione “Secolare” dello Spirito Salesiano. Roma, Ed. SDB, 1981. 72p. (Collana Idee, 3).

**Art. 26****PRECIOSA HERANÇA**

Guiado pelo Espírito Santo, Dom Bosco viveu e transmitiu aos membros da sua Família um estilo original de vida e de ação: o espírito salesiano.

É uma típica experiência evangélica, que caracteriza e dá um tom concreto à presença e à ação no mundo, às relações com os irmãos e com Deus. Tem sua fonte no próprio coração de Cristo, alimenta-se no empenho apostólico e na oração, e impregna toda a vida, tornando-a um testemunho de amor.

O Cooperador acolhe esse espírito como dom do Senhor à Igreja e o faz frutificar segundo a condição secular que lhe é própria.

Este é um artigo de caráter introdutório e geral, parcialmente inspirado nas Constituições dos Salesianos (art. 10-11). Declara o Reitor-Mor: “Neste artigo se encontra o vértice de vossos empenhos de formação salesiana.”(1)

**26.1 O espírito salesiano é o fruto da ação do Espírito em Dom Bosco**

O primeiro artigo do Regulamento afirmou que o Espírito Santo “formou nele (em Dom Bosco) um coração de pai e mestre, capaz de doação total, e inspirou-lhe um método educativo impregnado da caridade do Bom Pastor.” Aqui se retoma esse discurso e se focaliza o “fruto” mais precioso desta ação do Espírito em Dom Bosco Fundador: justamente o espírito salesiano.

Dom Bosco foi o primeiro a “viver” o espírito salesiano, não apenas exercitando as suas intuições e virtudes de homem genial, mas deixando-se “guiar pelo Espírito”, como diz o texto do presente artigo. Com efeito, foi o Espírito do Senhor Jesus que o enviou para evangelizar o jovens e, acompanhado pela docilidade total de Dom Bosco, suscitou nele aquelas atitudes e comportamentos resumidos no espírito salesiano. Todas essas atitudes “dombosquianas” se encontram na lista dos “frutos” do Espírito, elencados por Paulo na carta aos Gálatas: “O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, benevolência, bondade, fidelidade, brandura, temperança” (Gl 5,22).

Considerado na sua origem, o espírito salesiano é, portanto, uma realidade da ordem da natureza, porque é composto de atitudes espirituais e comportamentos operativos humanos e, ao mesmo tempo, da ordem da graça, porque é fruto da ação poderosa e suave do Espírito de Deus.

Faz parte essencial do patrimônio espiritual de Dom Bosco. Como Fundador, ele o transmitiu a todos os seus discípulos como “preciosa herança”, conforme o título deste artigo. É uma herança preciosa, porque permeada pela sua santidade e porque, como explicita a segunda frase, remonta ao Evangelho e ao próprio Cristo.

Impressiona fortemente a constatação de como Dom Bosco, sobretudo nos últimos anos de sua vida, tenha insistido sobre a fidelidade ao espírito salesiano, considerando-a como fidelidade à vontade de Deus. Basta recordar aqui a famosa Carta de Roma, de 18842, e as cartas enviadas no ano seguinte aos chefes de missionários, particularmente a Dom Costamagna: “Eu mesmo gostaria de fazer uma pregação, ou melhor, uma conferência sobre o espírito salesiano que deve animar e guiar as nossas ações e todo o nosso falar.”(3)

**26.2 O espírito salesiano é “um estilo de vida e de ação”**

O primeiro período do artigo oferece uma tentativa de descrição do espírito salesiano.

Percebe-se logo que se trata de uma realidade ampla e profunda, porque pertence à ordem da vivência e não dos conceitos.

A fórmula “espírito salesiano” pode ser compreendida de forma global, referindo-se às expressões de uso comum: “o espírito evangélico”, “o espírito cristão”, “o espírito religioso” e, no campo cultural, “o espírito italiano”, “o espírito francês”, “o espírito burguês”...

O próprio Dom Bosco a utilizou com frequência quando exortava os Salesianos a conservar “o bom espírito”, “a unidade de espírito”, “o espírito das regras”(4); ou quando dizia que os Cooperadores deviam praticar, no seu ambiente secular, “todo o espírito dos Salesianos”.(5) Posteriormente, o Vaticano II falou do “espírito dos fundadores” e do “espírito de um instituto”. (6)

O Capítulo Geral Especial dos Salesianos apresentou estas descrições: o espírito salesiano é “o nosso estilo próprio de pensar e sentir, de vida e ação, realizando a vocação específica e a missão que o Espírito não cessa de dar-nos.” Ou então, mais detalhadamente: “o espírito salesiano é o conjunto dos aspectos e valores do mundo humano e do mistério cristão (antes de tudo: Evangelho, Igreja, Reino de Deus...) aos quais os filhos de Dom Bosco, acolhendo a inspiração do Espírito Santo, e em força da missão que receberam, são particularmente sensíveis, tanto na atitude interior quanto no comportamento exterior.” (7)

A fórmula sintética “estilo de vida e de ação”, criada por aquele Capítulo Especial, passou primeiramente para as Constituições dos Salesianos de Dom Bosco, de 1972 (art. 40); depois, nas Constituições definitivas de 1984, retocada assim: “estilo original de vida e de ação” (art. 10º); daí passou para o atual artigo 26 do Regulamento dos Cooperadores.

### **26.3 O espírito salesiano “é uma típica experiência evangélica”**

O artigo completa essa descrição global, acrescentando que o espírito salesiano “é uma típica experiência evangélica (...) que tem sua fonte no próprio coração de Cristo”.

Com efeito, “experiência evangélica” indica, em termos gerais, o processo com o qual um Fundador e os seus discípulos, reportando-se ao testemunho do Senhor ressuscitado e dos Apóstolos, se colocam frente ao mistério de Deus que age na história e o interiorizam.

O mistério divino torna-se assim o horizonte no qual é vista, assumida e vivida a própria relação com a realidade cósmica e toda a vida humana, considerada no seu devir histórico e entendida como sucessão de eventos produzidos por decisões e opções humanas, com a intervenção divina.

Viver o espírito salesiano quer dizer tornar próprios os modos de ver, sentir e agir do Senhor Jesus: “tem sua fonte no próprio coração de Cristo”, como diz o texto em exame. Quer dizer assumir um modo de agir no mundo, de relacionar-se com os outros e de situar-se perante Deus, que foi típico de Jesus de Nazaré. Diz o texto regulamentar: ele “caracteriza e dá um tom concreto à presença e à ação (dos Cooperadores) no mundo, às (suas) relações com os irmãos e com Deus.”

### **26.4 O espírito salesiano “impregna toda a vida”**

O espírito salesiano diz respeito à totalidade da pessoa e da sua vida. Não é como uma roupa que se pode vestir ou tirar, conforme as estações: é uma realidade que tem que ser vitalmente assimilada, de modo que venha até a fazer parte da pessoa. Não é vivido de quando em quando ou apenas em alguma dimensão do próprio agir: ele “impregna toda a vida”, afirma o texto, dando ao próprio ser e agir “um tom concreto” característico.

O texto do Regulamento indica também os principais aspectos ou setores da vida que assumem esse “tom salesiano” e que serão apresentados nos artigos seguintes deste capítulo.

Em síntese, o Cooperador não apenas faz algumas coisas boas, bonitas, úteis, correspondentes ao ideal salesiano; mas é salesiano no seu ser profundo, da cabeça aos pés. E isto pode ser sentido, pode ser visto, se “irradia”: nas pequenas coisas, nos gestos mais cotidianos, bem como nas grandes decisões.

Pode ser constatado e experimentado especialmente quando um grupo de Cooperadores se reúne para uma experiência de convivência ou de trabalho comum: sem qualquer esforço especial, cria-se logo um clima, um ambiente... E, quando cada um retorna para sua casa, nasce espontânea essa constatação: “Respirei um ar salesiano, me senti totalmente à vontade. Em outros lugares também é bonito e é válido. Mas falta ‘alguma coisa’: justamente o espírito salesiano!”

Assim se percebe em que profundidade o espírito salesiano une e conserva unidos entre si, permanentemente, todos os membros da Associação e todos os membros da Família. Isto já tinha sido afirmado pelo artigo 19. O mesmo sangue une física e biologicamente os membros de uma mesma família humana. O mesmo espírito salesiano une os irmãos e as irmãs salesianas: é sinal e critério de santo parentesco. Onde ele não existir, falta a pertença “vital” à Associação; então, a pertença oficial e a “promessa” feita têm muito pouco significado e muito pouca eficácia.

### **26.5 O espírito salesiano é “dom do Senhor à Igreja”**

O espírito salesiano é uma experiência evangélica que caracteriza os discípulos e as discípulas de Dom Bosco. Mas não deve ser vivido por eles “a portas fechadas”, apenas para si mesmos, pela única satisfação de se sentirem enriquecidos pelos seus valores e juntos desfrutarem deles. O espírito salesiano “é dom do Senhor à Igreja”, afirma o texto do Regulamento.

Na Igreja existem o espírito franciscano, o espírito dominicano, o espírito inaciano, o espírito salesiano, etc. Constituem-se em outras tantas riquezas suscitadas por Deus para o bem do Corpo Místico, cujos membros possuem exigências e sensibilidades diversas e complementares. Refletem a catolicidade da Igreja, isto é, a sua multiformidade: são como outros tantos instrumentos e sons com os quais a comunidade cristã canta a Deus a evangélica sinfonia do amor.

Os discípulos e as discípulas de Dom Bosco têm, portanto, a responsabilidade de conhecer, viver e difundir, para o bem de toda a Igreja, o espírito salesiano (o artigo fala de “fazê-lo frutificar”), sem sombra de vaidade nem de ciúme, com alegre abertura para com todos os outros valores nela presentes, com a única preocupação da fidelidade ao que Deus, a própria Igreja e os jovens esperam deles. Cabe muito oportunamente aqui uma declaração do Capítulo Geral Especial dos Salesianos: “Nem, por fim, podemos esquecer o conteúdo pedagógico desses elementos do espírito salesiano. Sua riqueza, dom que é do único Espírito, deve difundir-se com ativa fecundidade entre os destinatários da nossa missão apostólica.” (8)

### **26.6 O espírito salesiano é vivido pelo Cooperador “segundo a condição secular que lhe é própria”**

E ainda um último esclarecimento geral de suma importância. O espírito salesiano é vivido, na Igreja, por todos os membros da Família apostólica de Dom Bosco e constitui um seu fator característico e original com relação aos outros cristãos. Mas se todos, na única Família, vivem os valores salesianos comuns, nem todos os vivem da mesma forma. Esta varia de acordo com as diferentes características masculinas ou femininas dos membros dessa Família, sua forma

diferente de vida, seu ministério eclesial específico, os diferentes contextos sociorreligiosos nos quais vivem e agem.

Concretamente,

- Os Salesianos vivem os valores comuns como homens, membros de uma comunidade religiosa, composta por sacerdotes, diáconos e irmãos coadjutores.

- As Filhas de Maria Auxiliadora os vivem como mulheres que fizeram profissão religiosa e exercem funções leigas relativas à educação cristã.

- As Voluntárias de Dom Bosco os vivem como leigas seculares consagradas.

- Os Cooperadores e as Cooperadoras os vivem como homens e mulheres, em pleno mundo, “segundo a condição secular que lhes é própria”, no exercício dos seus ministérios ordenados, no caso de Cooperadores sacerdotes e diáconos (art. 4º §3º), ou então das suas atividades leigas, no caso da imensa maioria deles (art. 4º §2º).

O espírito salesiano assume expressões concretas, muito diversas e muito ricas; e cada Grupo deve preocupar-se em vivê-lo segundo a própria condição humana e eclesial. Refere o artigo 5º: “A Associação traz para a Família Salesiana os valores específicos da sua condição secular, respeitando a identidade e autonomia próprias de cada Grupo.”

Consequentemente, um Cooperador poderá inspirar-se na maneira de agir de um Salesiano religioso, e uma Cooperadora ao modo de agir de uma Filha de Maria Auxiliadora. Mas nem um nem a outra deverão “copiá-los” materialmente; ao invés, deverão encontrar no espírito salesiano oportunidades e meios para serem mais fiéis a si mesmos e à própria e providencial vocação de leigos ou de sacerdotes e diáconos seculares, enriquecendo assim toda a Família. É um aspecto sobre o qual o Reitor-Mor insistiu muito, tanto na Carta sobre a Família Salesiana (1982), quanto na sua carta aos Cooperadores (1986).(9)

E é justamente isto que mostrarão os artigos seguintes.

Foram redigidos numa perspectiva claramente secular. Existem muitos pontos de comparação entre o capítulo 2º das Constituições SDB e este capítulo 4º do Regulamento dos Cooperadores sobre o mesmo assunto do espírito salesiano.

Mas são muito diferentes as insistências, as nuances, o próprio tom e a perspectiva; e alguns conteúdos são específicos dos Cooperadores. Eles mesmos, iluminados e impulsionados pelo Espírito, devem inventar na situação concreta o seu modo de viver o espírito salesiano.

## NOTAS DO ART. 26 — COMENTÁRIOS

1 VIGANÒ, Egídio. L'Associazione dei Cooperatori Salesiani, p.27.

2 Cf. BRAIDO, Pietro. La Lettera di Don Bosco da Roma del 10 maggio 1884. Roma, LAS, 1984.

3 Ep. IV, p.333.

4 Cf., por exemplo, MB V, p.881; IX, p.565, 573s; XII, p.77, 80, 255, 300, 301...

5 PROGETTO di Deliberato per il Capitolo Generale I, 1877, manuscrito de Dom Bosco apresentado em MB XIII, p.606, e retomado pelos ACGE 164.

6 LG 45a; PC 2b, 20, 21, 22.

7 ACGE 86.

8 ACGE 105.

9 Cf. VIGANÒ, Egídio. La Famiglia Salesiana, p.24-7; Id. L'Associazione dei Cooperatori Salesiani, p.25-7.

**Art. 27****EXPERIÊNCIA DE FÉ COMPROMETIDA**

§1º - O Cooperador participa da experiência espiritual de Dom Bosco, vivida com particular intensidade entre os jovens do primeiro Oratório em Valdocco.

§2º - Sente Deus como Pai e Amor que salva. Encontra em Jesus Cristo o Unigênito Filho e o Apóstolo perfeito do Pai, Bom Pastor cheio de solicitude pelos pequenos e pelos necessitados, o Ressuscitado que está conosco “todos os dias”(1) como Senhor da história. Vive em intimidade com o Espírito, o Animador do Povo de Deus no mundo. (2) Em Maria venera aquela que “cooperou de maneira absolutamente única na obra do Salvador” (3) e não cessa de cooperar como Mãe e Auxiliadora do povo cristão. (4) Sente-se parte viva da Igreja, Corpo de Cristo, centro de comunhão de todas as forças que trabalham pela salvação.

§3º Descobre, dessa maneira, o aspecto profundo da sua vocação: ser verdadeiro “cooperador de Deus” na realização do seu plano de salvação: (5) “Entre as coisas divinas, a mais divina é cooperar com Deus para salvar as almas”.(6)

1 Mt 28,20.

2 Cf. Vat. II, LG 4; AG 4.

3 Vat. II, LG 61.

4 Cf. LG 62.

5 1 Cor 3,9.

6 Capa do Bollettino Salesiano a partir de 1878.

**27.1 Correspondência estreita entre os artigos 27 e 28**

Provavelmente os artigos 27 e 28 estão entre os mais importantes de todo o Regulamento, ao menos no que se refere à vida espiritual do Cooperador. Revelam uma correspondência muito estreita e evidente. O título do artigo 27 fala de fé vivida; o título do artigo 28, de amor vivido. Em ambos os casos, referem-se diretamente à experiência de Dom Bosco:

**Art. 27 - Fé comprometida**

“O Cooperador participa da experiência espiritual de Dom Bosco, vivida com particular intensidade entre os jovens de Valdocco. Sente Deus como Pai e Amor. Encontra Cristo... Bom Pastor. Vive em intimidade com o Espírito... Em Maria venera aquela que... coopera como Mãe e Auxiliadora...”.

**Art. 28 - Amor apostólico**

“Centro e síntese do espírito salesiano é a `caridade pastoral' que Dom Bosco viveu plenamente, tornando presente entre os jovens o amor misericordioso de Deus Pai, a caridade salvífica de Cristo Pastor e o fogo do Espírito...(§ 2º) É também imitação da solicitude maternal de Maria.”

Estão aí as atitudes fundamentais e a experiência espiritual mais intensa de Dom Bosco, a sua visão de fé e o seu comportamento de caridade, a sua típica maneira de relacionar-se com Deus e de se deixar inspirar e conduzir por ele para seguir a própria vocação providencial. A correspondência entre palavras e expressões nos dois artigos não são repetições! Mostram como o modo de perceber e contemplar a Deus e ao seu mistério de salvação corresponde em Dom Bosco a um modo de agir e de desempenhar a própria tarefa entre os jovens.

Assim deve ser também para cada um de seus discípulos: “Dize-me qual é o teu Deus,



quais são as tuas convicções de fé, e te direi o que vale a tua ação e se a tua caridade é de qualidade e eficácia ou não!". Sem dúvida, o Cooperador é chamado a professar toda a fé cristã: o seu Credo é o de toda a Igreja. Mas na insondável riqueza dos ministérios cristãos, o próprio Espírito Santo o guia para se colocar num certo ponto de vista, a fim de privilegiar determinados aspectos. Deste modo, por uma questão de coerência, a cada visão escolhida corresponde um determinado tipo de comportamentos operativos. A uma determinada visão mística ou contemplativa corresponde uma determinada dedicação prática ou operativa.

Dom Bosco não elaborou a teologia da mística na qual se inspirava a sua ação prática: contentou-se em expressar conjuntamente as duas realidades no lema: "Da mihi animas". Hoje é muito útil que, reflexivamente, as pessoas se deem conta daquilo que Dom Bosco viveu intensamente sem explicitá-lo.

## **27.2 "O Cooperador participa da experiência espiritual de Dom Bosco" (art. 27 § 1º)**

Neste parágrafo aparece uma declaração geral, talvez um tanto ousada, mas profundamente verdadeira: a ação oculta mas real do Espírito faz com que o Cooperador "participe da experiência espiritual de Dom Bosco". Em outros termos, o que o Espírito realizou poderosamente em Dom Bosco no século passado, o mesmo Espírito, ao suscitar-lhe novos discípulos, o realiza neles hoje, de forma mais modesta, mas na mesma lógica, no decorrer da história e em todo o mundo.

Por obra do Espírito, princípio vital de comunhão e de diversificação na Igreja (1), alguma coisa da percepção de fé de Dom Bosco, das suas atitudes espirituais, dos seus desejos, da sua paixão pelos jovens, pode ser hoje vivida pelo Cooperador, obviamente com a condição de que esteja atento e disponível à ação suave do Espírito. Para o Cooperador e para a Cooperadora, ser participante da experiência espiritual de Dom Bosco quer dizer, de um modo vital e numa profundidade extraordinária, como é justamente aquela do Espírito, estar ligado(a) ao Fundador e, ao mesmo tempo, aos outros Cooperadores e às outras Cooperadoras. Formam assim um verdadeiro parentesco espiritual: trata-se da fraternidade salesiana de que fala o artigo 19.

A respeito disso é preciso que se faça um esclarecimento de suma importância. Quando e como Dom Bosco viveu esta experiência espiritual da forma mais original e mais intensa? Em Valdocco, durante os anos de ouro da fundação da obra salesiana e da Congregação Salesiana: entre os anos de 1846 e 1864, quando Dom Bosco estava intensamente presente entre os seus jovens (pois depois disso esteve preso por muitíssimas outras preocupações e compromissos), e quando o ajudavam "salesianos" de primeira grandeza: Mamãe Margarida, o futuro São José Cafasso, o futuro Bem-aventurado Miguel Rua, o futuro São Domingos Sávio... Naqueles anos, Valdocco tornou-se o berço do espírito salesiano; e o próprio Dom Bosco se referiu a eles com saudade na carta de Roma de 1884. Já naquela oportunidade, alguns sacerdotes e leigos vinham para "cooperar", codividindo sua experiência, como por exemplo, o casal Fassati.

Hoje, os Cooperadores participam dessa experiência espiritual, ao menos na medida em que levam a sério sua vocação salesiana e a seguem com fidelidade: também neles pode se formar, pouco a pouco, um "coração oratoriano".

## **27.3 Perspectiva trinitária da vida espiritual do Cooperador (art. 27 § 2º)**

Dom Bosco viveu a típica experiência de Valdocco fazendo referência a um certo quadro de fé cristã e eclesial, apoiada por convicções e encontros privilegiados com as realidades divinas. Hoje, o Cooperador codivide esta visão e a expressa no parágrafo 2º deste artigo, recorrendo a

uma linguagem bíblica e conciliar.

Efetivamente, este parágrafo foi redigido à luz da impressionante panorâmica paulina delineada na Carta aos Efésios: síntese maravilhosa, de uma sublimidade genial, com procedimento contemplativo e quase litúrgico, cume da obra de Paulo, com acentos inimitáveis sobre a infinita sabedoria de Deus que se desdobra no “mistério” e na insondável caridade de Cristo que aí se “manifesta”.(2)

### 27.3.1 A referência a Deus Pai

Nos capítulos 1,3-14 e 3,3-21, Paulo descreve “o desígnio universal de salvação” do Pai, que se realiza por etapas, de uma eternidade a outra, cobrindo a totalidade da história. Porém, tudo centralizado e recapitulado no “mistério” de Cristo, redentor de todos, judeus e pagãos, transformado em esposo da humanidade salva, que é a sua Igreja (5,22-32):

“Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo (...)

Nele nos escolheu antes da criação do mundo,

Predestinando-nos a ser seus filhos adotivos (...).

Deu-nos a conhecer o mistério da sua vontade (...)

o desígnio de reunir todas as coisas em Cristo (...).

Nele vós recebestes o selo do Espírito Santo,

o qual é o penhor da nossa herança" (1,3-5.9s. 13s).

“A mim foi concedida esta graça

de anunciar ao pagãos

as insondáveis riquezas de Cristo,

e de fazer resplandecer aos olhos de todos

o cumprimento do mistério escondido desde os séculos,

para que seja manifestada agora por meio da Igreja

a multiforme sabedoria de Deus,

segundo o desígnio eterno que atuou em Cristo Jesus Nosso Senhor" (3,8-11).

Este é o horizonte divino da fé do Cooperador, horizonte que ilumina e fornece motivação para sua intensa ação apostólica. Como conseqüência, e de acordo com a fórmula apresentada neste parágrafo, ele “sente Deus como Pai e Amor que salva”, isto é, como autor ou “empresário” generoso do imenso plano salvífico no qual, de modo especial, está incluída a multidão dos jovens.

### 27.3.2 A referência a Jesus Cristo

No centro e no vértice do projeto histórico de salvação do Pai, Paulo coloca Cristo, o realizador desse projeto. Obediente à vontade do Pai, Ele é seu “cooperador” na história humana, conforme o que se pode ler no Evangelho de São João: “O meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho” (Jo 5,17); “cumpri a tarefa que (o Pai) me mandou fazer” (Jo 17,4).

É claro que o Cooperador olha para Jesus de Nazaré, o Cristo, e o aceita na totalidade do seu mistério e, de modo particular, na sua identidade divina de “Filho Unigênito”. Contudo, como diz este artigo, “encontra” nele de modo especial:

- “o Apóstolo perfeito do Pai”, o seu enviado por excelência, aquele que se colocou à sua inteira disposição: é uma característica global do Cristo histórico que lhe ressalta a missão salvífica;

- o “Bom Pastor cheio de solicitude pelos pequenos e pelos necessitados”, particularmente os jovens: é uma característica do Cristo histórico que faz especial referência à sua vida pública e a uma atitude e comportamento típicos;

- enfim, “o Ressuscitado que está conosco `todos os dias' como o Senhor da História:” é a característica global do Cristo atual que focaliza sua presença vitoriosa nas vicissitudes humanas no decorrer dos séculos.

### 27.3.3 A referência ao Espírito Santo

A realização do desígnio de salvação é obra divina, que exige de maneira absoluta a força divina. Como em Jesus de Nazaré, também na Igreja age o Espírito do Cristo ressuscitado e do Pai, o Inspirador e o Animador do Povo de Deus na história, de forma oculta, mas poderosa.

O texto do Regulamento faz referência a textos do Concílio e em particular ao estupendo número 4 do Decreto Ad Gentes, que merece ser transcrito integralmente:

“Para completar esta obra, Cristo enviou o Espírito Santo da parte do Pai, a fim de que interiormente operasse sua obra salutífera e propagasse a Igreja. Não há dúvida de que o Espírito Santo já operava no mundo antes da glorificação de Cristo. Mas foi no dia de Pentecostes que Ele desceu sobre os discípulos para permanecer eternamente com eles; que a Igreja foi publicamente manifestada ante a multidão; que pela pregação se iniciou a difusão do Evangelho entre as nações; que enfim foi prefigurada a união dos povos na catolicidade da fé mediante a Igreja da Nova Aliança que fala todas as línguas, compreende e abraça na caridade todos os idiomas e assim supera a dispersão de Babel.

“Como pela descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria fora concebido Cristo e como pelo mesmo Espírito descendo sobre Cristo em oração ele fora impelido à realização do ministério, assim em Pentecostes começaram os ‘atos dos Apóstolos’. E o próprio Senhor Jesus, antes de livremente dar Sua vida pelo mundo, de tal modo coordenou o ministério apostólico e prometeu o envio do Espírito Santo que ambos sempre e em toda parte estivessem unidos na realização da redenção.

“Para todos os tempos o Espírito Santo ‘unifica a Igreja na comunhão e no ministério, dotando-a com vários dons hierárquicos e carismáticos’. Vivifica as instituições eclesiais como se fosse sua alma (daí a sua característica de Animador). Instila no coração dos fiéis o mesmo espírito missionário, pelo qual era movido Cristo. Por vezes previne mesmo visivelmente a ação da Igreja. E de vários modos sem cessar a acompanha e dirige.”

Portanto, na medida em que se sente parte viva e ativa da Igreja, o Cooperador sente a exigência absoluta de “viver em intimidade” com o Espírito e de invocá-lo com frequência e insistência, sabendo que ele está presente de modo misterioso mas real, na sua alma<sup>3</sup>, como aquele que o sustenta no compromisso apostólico salesiano.

### 27.3.4 A referência a Maria

Na sua obra salvífica, Jesus Cristo teve como “Cooperadora” de primeira grandeza sua própria Mãe, Maria de Nazaré, destinada que fora pela imperscrutável sabedoria do Pai e preparada pela presença amorosa do seu Espírito. O próprio Vaticano II reconheceu-lhe esta característica, particularmente nos números 61 e 62 da Lumen Gentium a que faz referência o parágrafo que está sendo comentado.

Coerentemente, o Cooperador vê e “venera” em Maria Aquela que,

- ‘serva’ perfeita do Pai à imitação do Filho,

- “cooperou (no passado) de maneira absolutamente única na obra do Salvador”, como Mãe de Jesus e com ele corredentora,

- e no presente, já na glória com o Filho, “não cessa de cooperar como Mãe e Auxiliadora do povo cristão.” Sabe-se que o título de Auxiliadora foi introduzido na Constituição sobre a Igreja por sugestão explícita, entre alguns outros, do Cardeal Raul Silva, participante do Concílio. Ela é identificada aqui claramente com a Nossa Senhora de Dom Bosco e dos seus discípulos.

## 27.4 A Igreja, cooperadora de Deus na história

Por fim, mediante a obra de Jesus e com o envio do seu Espírito, Deus suscitou a Igreja para que, com a ação conjunta de todos os seus membros, fiéis e pastores, fosse a cooperadora visível do seu plano no decorrer dos séculos. O Vaticano II assumiu esta grandiosa visão de fé já nas primeiras linhas da *Lumen Gentium*, quando caracteriza a Igreja como “sacramento universal de salvação”, isto é, como “sinal e instrumento de íntima comunhão com Deus e de unidade de todo o gênero humano”.(4)

Colocando-se nesta perspectiva, o Cooperador vê na Igreja o “Corpo (visível e orgânico) de Cristo”, animado invisivelmente pelo seu Espírito de amor. Trata-se de uma das modalidades mais realistas com as quais Paulo designa a Igreja. “Sente-se parte viva” dela, porque se tornou sujeito ativo e corresponsável (5), em força dos sacramentos de iniciação cristã e de sua específica vocação salesiana. Vê na Igreja “o centro de comunhão de todas as forças que trabalham pela salvação”, conforme declaração autorizada do Vaticano II: a Igreja “povo messiânico, embora não abranja atualmente todos os homens e por vezes apareça como pequeno rebanho, é contudo para todo o gênero humano germe firmíssimo de unidade, esperança e salvação. Constituído por Cristo para a comunhão de vida, caridade e verdade, é por Ele ainda assumido como instrumento de redenção de todos, e é enviado ao mundo inteiro (6) como luz do mundo e sal da terra (Mt 5,12-16)”.

Entre estas forças está a Família Salesiana e a Associação dos Cooperadores, cujo reconhecimento oficial como “Associação pública de fiéis”, garante a autenticidade e a validade da sua contribuição para o imenso trabalho de atuação do projeto do Pai.

## 27.5 Renovada consciência de “ser verdadeiro cooperador de Deus” (art. 27 §3º)

A contemplação cotidiana destes mistérios lança uma luz nova sobre a vocação do Cooperador Salesiano e a manifesta nos seus aspectos mais profundos. Se ele se comportar como apóstolo secular salesiano, hoje, justamente no lugar onde vive e atua, dia após dia, ele é verdadeiramente um “cooperador de Deus na realização do seu desígnio de salvação”. Com a sua vida e o seu apostolado cotidiano, na medida em que são autênticos, ele trabalha para o bom êxito definitivo da história, para a única realidade verdadeiramente importante e que jamais passará, porque apoiada para sempre na eternidade.

Se se empenhar para manter esta maravilhosa visão diante de seus olhos, sem dúvida levará avante o seu apostolado e as suas dificuldades com entusiasmo e coragem. Codividirá o assombro e a alegria de São Paulo, chamado a ser “cooperador de Deus, no seu campo, na construção do seu edifício” (1Cor 3,9): “A mim que sou o último de todos os santos, me foi concedida esta graça de anunciar as insondáveis riquezas de Cristo (...). Dobro os meus joelhos diante do Pai para que vos conceda que sejais poderosamente robustecidos no seu Espírito (...) e sejais capazes de compreender qual seja a amplitude, o comprimento, a altura e a profundidade” do mistério de Cristo e do seu amor “que supera todo conhecimento” (Ef 3,8-19).

É o próprio Dom Bosco que lhes propõe explicitamente esta visão de fé no desígnio divino que se realiza na história. E isto porque era sua própria visão, porque tinha do trabalho apostólico um conceito altíssimo e um vivíssimo sentido que alimentava o seu zelo. Trata-se de um trabalho mais que humano, intensamente divino; torna-se um serviço direto aos interesses de Deus para com a humanidade.

No artigo seguinte pode-se ver como ele traduzia habitualmente esta percepção global do seu lema: “Da mihi animas”. Mas tinha bem presente a citada expressão de São Paulo. Impressiona o fato que, a partir de 1878, mandou imprimir na capa do Boletim Salesiano (fundado no ano anterior), a revista destinada aos seus Cooperadores, esta frase atribuída a São Dionísio, o Areopagita, e oportunamente transcrita neste parágrafo: “Entre as coisas mais divinas, a mais divina é a de cooperar com Deus para salvar as almas.” Esta era a altura suprema em que ele colocava o trabalho dos seus Cooperadores! Uma outra frase citada na capa da mesma revista revelava o cuidado de Dom Bosco em dar ao verbo “cooperar” um conteúdo evangélico estimulador: “Nós devemos ajudar os irmãos a fim de cooperar na difusão da verdade” (3Jo 8). Sabe-se que para São João a “verdade” é a realidade profunda de Deus enquanto se manifesta no Senhor Jesus e continua a ser revelada aos fiéis pelo Espírito que age nos seus corações.

Portanto, no seu próprio nome, o Cooperador é enviado para encontrar permanentemente a indicação da extraordinária grandeza da sua vocação e do seu compromisso apostólico salesiano no mundo.

#### **NOTAS DO ART. 27 — COMENTÁRIOS**

- 1 Cf. LG 4, 7c, 12b, 13bc...
- 2 Cf. Bibbia di Gerusalemme. Borla, 1974, p.2408-10.
- 3 Cf. Rm 5,5; e LG 4.
- 4 LG 1; e também 9bc, 48a.
- 5 Cf. LG 9-13, 30a, 32b; AA 2-4.
- 6 LG 9b.

**Art. 28****CENTRALIDADE DO AMOR APOSTÓLICO**

§1º - Centro e síntese do espírito salesiano é a “caridade pastoral” que Dom Bosco viveu plenamente, tornando presente entre os jovens o amor misericordioso de Deus Pai, a caridade salvífica de Cristo Pastor e o fogo do Espírito que renova a terra. Ele a expressou no mote: “Da mihi animas, cetera tolle”. Manifestou-a no nome de “Salesianos”, escolhendo como patrono São Francisco de Sales, modelo de amabilidade, zelo apostólico e verdadeiro humanismo.

§2º - A caridade é, no Cooperador, um dom que o une ao mesmo tempo a Deus, a quem quer servir com humildade e alegria, e aos jovens, a serem salvos com amor de predileção. É também imitação da solicitude maternal de Maria, que intercede pelo Cooperador e o ajuda quotidianamente no seu testemunho.

Como já foi evidenciado anteriormente (1), este artigo constitui uma unidade com o anterior. O artigo 27 situou a vocação do Cooperador e sua vida espiritual no conjunto do designio de salvação: ele é “cooperador” do Deus Uno e Trino, contemplado e experimentado como atuante na história. O artigo 28 aprofunda esta perspectiva. Indica a força e a atitude espiritual profunda, com valor central e síntese, com o qual pode realizar essa vocação de “cooperador de Deus”: trata-se do “amor apostólico”, como diz o título do artigo, ou então da “caridade pastoral” de que fala o próprio texto do artigo.

Isto não deve ser motivo de espanto: é o amor apostólico que animou e ainda anima a todos os operários do plano salvífico de Deus: o próprio Cristo, Bom Pastor, o seu Espírito de Amor, Maria, Mãe do Amor, a Igreja, comunidade de amor, Dom Bosco... Sua fonte está no próprio Pai, chamado como Amor no artigo 27 e o seu dinamismo interior no Espírito Santo, enviado pelo Pai e pelo Senhor ressuscitado. Aceitando seu envolvimento nesta grande corrente da “caridade” salvífica, o Cooperador fica imediatamente imerso na experiência viva das suas relações vitais com Deus Uno e Trino, revelado pelo Senhor Jesus.

É oportuno recordar brevemente que as palavras “amor” e “caridade”, aqui empregadas (ágape, cháritas), indicam o amor vivido por Deus, transmitido por Ele aos seus filhos, tornado objeto do mandamento “novo” que Cristo realizou de maneira sublime (2); é amor oblato e criativo, pronto para a doação de si mesmo, bem diferente de tantas míseras formas de amor humano.

Finalmente, os adjetivos “apostólico” ou “pastoral” que especificam esse amor, referem-se ao tipo de amor-caridade que anima aquele que é “mandado” para servir ao próximo. Em primeiro lugar está Jesus Cristo, Apóstolo por excelência do Pai e Bom Pastor da humanidade, e, em sua sequela, todos os seus fiéis. Trata-se de um amor-caridade que une permanentemente com aqueles que, na Igreja, são “pastores” por um título especial, em vista do serviço abalizado aos irmãos.

O artigo está dividido em dois parágrafos: o primeiro afirma a centralidade da caridade pastoral “salesiana”; o segundo especifica que isto é dom e presença do Espírito, que une a Deus e aos jovens.

**28.1 A caridade pastoral, centro e síntese do espírito salesiano (art. 28 §1º)**

É relativamente fácil apresentar o espírito salesiano, elencando, uma depois da outra, toda uma série de características: “o salesiano é trabalhador, é generoso, é corajoso, é alegre, etc.”. O Capítulo Geral Especial dos Salesianos explica: “Entender um espírito é compreender uma

inspiração organizadora, que é como a alma que enforma todo corpo e constitui a sua complexa unidade". (3)

Entender o “espírito de Dom Bosco” significa enfrentar o delicado esforço de entrar em sua alma e aí colher o elemento mais adequado para revelar o homem, o trabalho e o estilo de vida e de ação. Qual é este centro vital, ao redor do qual se organizou e construiu toda a vida e toda a atividade de Dom Bosco? O Capítulo Geral Especial o reconheceu no amor apostólico ou na caridade pastoral do Fundador.

A esse respeito, diz o Reitor-Mor: “O tipo de caridade que vivifica o carisma de Dom Bosco é o de uma caridade ‘pastoral’ qualificada por uma sua coloração peculiar, que nós chamamos de ‘salesiana’. É preciso procurar a energia unificadora da nossa Família naquele tipo de amor sacerdotal que caracterizou Dom Bosco com uma paixão arrebatadora de apostolado entre os jovens, com a sua maneira de sentir, de viver, de comunicar os valores do Evangelho (...). Ele mesmo sintetizava este tipo de caridade, à maneira de um escudo com a expressão salesiana: ‘Da mihi animas, cetera tolle’ “. (4)

O Regulamento assume esta autorizada releitura da experiência espiritual de Dom Bosco. Diz: “centro e síntese do espírito salesiano é a ‘caridade pastoral’ que Dom Bosco viveu plenamente.” (§1º)

### **28.1.1 Caridade “dinamicamente juvenil” em Dom Bosco**

A caridade pastoral “salesiana” apresenta, portanto, as insistências, as nuances e o estilo identificável no Fundador. O artigo 10º das Constituições SDB, que serve de inspiração para este artigo 28, sintetiza este estilo de caridade falando de “dinamismo juvenil”: “Centro e síntese desse espírito é a caridade pastoral, caracterizada por aquele dinamismo juvenil que tão fortemente se revelava em nosso Fundador e nas origens da nossa Sociedade: é um ardor apostólico que nos faz buscar as almas e servir somente a Deus.” Ocorre a referência à “experiência intensa” do primeiro Oratório, de que fala o art. 27 §1º.

Estas expressões remetem a uma caridade em movimento, que tem necessidade de agir, de realizar: é justamente a paixão apostólica, inteiramente animada de ardor, de generosidade, de alegria juvenil. Em resumo, a caridade pastoral salesiana não só é exercida principalmente em benefício dos jovens, mas ela mesma é “juvenil”; não se trata de uma questão de idade, mas de atitude espiritual e de comportamento operativo.

O texto do artigo optou por expressar esta caridade salesiana referindo-a à sua Fonte divina e apresentando Dom Bosco como seu revelador autorizado e fascinante junto aos jovens. Está a dizer que a Caridade divina, mediante Dom Bosco, se tornou “juvenil”.

Tudo isso foi expresso no texto do Regulamento de forma rica de significado, fazendo referência à ação de Deus Uno e Trino: Dom Bosco tornou presente entre os jovens:

- o amor misericordioso de Deus Pai (já indicado no artigo 27 §1º),
- a caridade salvífica de Cristo Pastor (já indicada no artigo 1º §1º),
- o fogo do Espírito que renova a terra" (§1º).

Nesta ótica se entende como Dom Boco, vivendo em estreita comunhão com as Pessoas divinas, dócil e disponível à sua influência, conseguiu manifestar um amor que superava infinitamente as possibilidades puramente humanas de amar.

Com efeito, revelou um amor “de fogo”, que ilumina e arde, que consome e devora, que purifica e “renova”, que se comove e tem piedade (é “misericordioso”), que tem pressa e salva (a “solicitude” “salvífica”). É a caridade apregoada por São Paulo na sua primeira carta aos fiéis de

Corinto e por Dom Bosco no seu opúsculo sobre o Sistema Preventivo: “a caridade é paciente, a caridade é benigna (...). Tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,4.7).

### 28.1.2 Caridade expressa no “Da mihi animas”

Quando um Fundador escolhe um lema para si mesmo e para seus discípulos, expressa numa forma breve e vigorosa a sua intenção fundamental e a atitude espiritual mais decisiva. É o caso de Dom Bosco. Escolheu a frase bíblica: “Da mihi animas, cetera tolle: (Senhor,) dá-me as almas e fica com todo o resto”, como lema pessoal no início do seu sacerdócio. (5) Conservou-o assiduamente à vista, escrito num cartão, que se encontra ainda hoje numa das saletas de Valdocco. Explicou o seu significado a Domingos Sávio, dizendo-lhe que eram “palavras que São Francisco de Sales (6) costumava repetir”. Em setembro de 1884, quis que se tornasse também lema da Congregação Salesiana. (7)

Constitui-se numa interpretação livre de Gênesis 14,21: “O rei de Sodoma disse a Abraão: `Devolve-me os homens e guarda os bens para ti’.” A esse respeito são sublinhados dois aspectos relativos às suas duas partes, que explicam o sentido expresso pela caridade pastoral de Dom Bosco Fundador.

A fórmula “Da mihi animas!” não é uma constatação nem um desejo, mas uma apóstrofe, um pedido feito por Dom Bosco a Deus salvador: “É a sua jaculatória, além de ser sua opção fundamental” (8). Leva a pensar no “envia-me” do profeta Isaías (Is 6,8). Revela-se a convicção que a salvação integral (a palavra “alma” significa o homem todo, considerado na sua realidade mais profunda) é a coisa decisiva para a pessoa humana: “De que adianta ganhar o mundo inteiro se perderes tua alma?” (Mt 16,26). Manifesta-se claramente o zelo ardente do P. João Bosco que quer entrar no céu acompanhado por uma imensa multidão de jovens e de povo, depois de tê-los alimentado e nutrido no seio da Igreja. Revela-se, enfim, a consciência de que o trabalho a ser realizado é puro serviço do plano de um Outro e que tudo depende da sua graça: “Senhor, dá-me as almas, a fim de que eu possa devolvê-las a ti”.

A expressão “cetera tolle!” é a parte da antítese: “dá-me/fica”. Caracteriza o radicalismo da opção de Dom Bosco: “As almas dos jovens! O resto não me interessa!” Na realidade, “Dom Bosco deseja inúmeros destes cetera!” (9) Mas apenas em vista das almas: dinheiro, estruturas educativas, apoio de quem tem poder e riqueza. Porém, com total desapego: Tudo está a serviço dos jovens. O apóstolo não deve reservar nada para si. É como um eco da palavra de São Paulo no seu hino à caridade: se eu tivesse tantos dons e tantos bens, “mas se não tivesse a caridade, não seria nada” (1Cor 13,1-3).

Este lema de Dom Bosco e dos Salesianos tornou-se também o de toda a Família Salesiana, e, portanto, também do Cooperador. É a manifestação ardente do “cooperar com Deus para salvar as almas”.

### 28.1.3 Caridade presente no nome de “Salesianos”

O nome de “Cooperador” recorda ao discípulo leigo de Dom Bosco a sua vocação de “cooperar com Deus”. O seu nome completo “Cooperador Salesiano” recorda-lhe que deve fazê-lo “salesianamente”, como “verdadeiro salesiano no mundo” (art. 3º). Isto significa que se refere não só a Dom Bosco mas também ao Santo que ele escolheu como modelo e patrono: São Francisco de Sales.

As duas escolhas de Dom Bosco, tanto do lema “Da mihi animas”, quanto do patrono São



Francisco de Sales, são inseparáveis. Dom Bosco escolheu São Francisco como patrono e modelo para si mesmo (terceiro propósito da ordenação sacerdotal, em 1841), para o primeiro grupo dos futuros Salesianos (26 de janeiro de 1854), para a “Pia Sociedade” fundada em 18 de dezembro de 1859, para os Cooperadores que, num primeiro projeto de Regulamento chamou de “Pia Associação de São Francisco de Sales” (1874). Dedicou a este Santo o seu primeiro Oratório de Valdocco (1844-1846), a sua primeira igreja (1853), a revista destinada aos Cooperadores, o Boletim Salesiano (1877). No escudo da Congregação Salesiana inseriu um busto de São Francisco, doutor iluminado pelo Espírito (1884).(10)

Dois traços da figura moral e da santidade de São Francisco cativaram Dom Bosco e explicam a sua opção:

- a energia apostólica, o seu zelo pelas almas, pela defesa da verdade contra o erro, pela fidelidade à Igreja Católica;

- a doçura ou bondade evangélica no modo de exercer este zelo: “caridade, doçura, boas maneiras, grande calma, extraordinária mansidão”.(11)

Portanto, o Cooperador, consciente que é um “salesiano”, olha para São Francisco de Sales, como outro esplêndido revelador do amor de Deus para os homens que devem ser salvos. Diz o texto que quer imitar-lhe o “zelo apostólico”. Etimologicamente, a palavra zelo recorda o ardor do fogo que se ateia; e, junto ao busto de São Francisco de Sales, o escudo salesiano traz um coração que emite chamas. Além disso, quer imitar-lhe “a amabilidade” e o “verdadeiro humanismo”. A ardente caridade salesiana é “amável”, “procura fazer-se amar” (diz o artigo 15), porque tem um sentido sublime da pessoa: “Filotéia”, a devoção (isto é, a caridade operativa e diligente), se for verdadeira e sincera, não desgasta coisa alguma, mas leva todas à perfeição (...); com ela, todas as obrigações são cumpridas de modo mais suave e mais amável”.(12)

É preciso ressaltar a ressonância intensamente pessoal deste parágrafo: aponta Dom Bosco como modelo imitável de “caridade pastoral salesiana”. E, a partir dele, remete por um lado a cada uma das três Pessoas divinas e, por outro, à suave figura de São Francisco de Sales. Sem dúvida, são modelos divinos ou altíssimos! Mas o parágrafo seguinte explica ao Cooperador a razão pela qual não deve desanimar diante deles; antes, deve decidir-se a invocá-los e segui-los.

## **28.2 Caridade, dom divino que une os dois polos da vocação salesiana (art. 28 §2º)**

Com efeito, enquanto o primeiro parágrafo é todo ele dedicado a Dom Bosco e aos seus altos modelos, este segundo parágrafo se dirige ao Cooperador para recordar-lhe um princípio fundamental da vida cristã e apostólica: é evidente que essa caridade não se constitui numa posse natural da pessoa humana. É preciso recebê-la, a fim de torná-la operante concretamente. É dom divino, é dom do Espírito Santo, conforme a alegre declaração de São Paulo aos fiéis de Roma: “O amor de Deus foi derramado nos nossos corações mediante o Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Este texto foi citado pelo Concílio a propósito da caridade que os fiéis leigos devem praticar.(13)

O Cooperador somente pode praticar uma caridade “divina” com a força divina do Espírito de Amor. Apenas se, na fé e na oração, se torna disponível à graça, o Senhor ressuscitado, em nome do Pai, lhe envia o seu Espírito de Pentecostes, aquele Espírito “que mora na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo”<sup>14</sup>; trata-se daquele Espírito que o atraiu para Dom Bosco (art. 2º §1º). Nenhum Cooperador deve ter receio de não poder praticar a exigente caridade pastoral salesiana: “Aquele que o chamou é fiel”, declara o artigo 2º §2º, do Regulamento.

O amor-caridade é único, mas possui dois polos inseparáveis, como são inseparáveis os dois mandamentos maiores, o amor a Deus e o amor ao próximo (Mt 22,34-40). O Espírito que

mora no coração do Cooperador “o une ao mesmo tempo a Deus (...) e aos jovens”, diz o parágrafo em exame. Enxerta nele um coração de filho e de servo, e, à imitação de Dom Bosco, “um coração de pai e mestre, capaz de doação total aos jovens.” (15) Quem ama salesianamente a Deus se sente enviado a amar e salvar os jovens; e quem ama salesianamente os jovens percebe que deve encontrar em Deus a força e a maneira de amá-los. Seu caminho de santificação é o de uma santificação apostólica, diz o Proêmio do Regulamento (§3º).

A frase conclusiva do texto do artigo 28 foi inserida para um ulterior encorajamento do Cooperador: não apenas o Espírito de Amor o sustenta e o guia, mas também Maria Auxiliadora está ao seu lado. Com efeito, a prática do amor apostólico “é também imitação da solícitude maternal de Maria, que intercede pelo Cooperador e o ajuda quotidianamente no seu testemunho”, ou seja, na sua difícil tarefa de ser, em toda a parte e sempre, testemunha do Amor infinito de Deus.

### NOTAS DO ART. 28 — COMENTÁRIOS

- 1 Veja o comentário ao artigo 27, no n. 27.1.
- 2 Cf. Jo 13, 34; 15, 12s.
- 3 ACGE 88.
- 4 VIGANÒ, Egídio. *La Famiglia Salesiana*, p.21s.
- 5 Isto aconteceu nos tempos do “Convitto”: cf. MB XVII, p.566.
- 6 BOSCO, Giovanni. *Vita di Domenico Savio*. cap. 8.
- 7 Cf. MB II, p.530; XVII, p.365.
- 8 STELLA, Pietro. *Don Bosco e le Trasformazioni Sociali e Religiose del suo Tempo*. In: BROCARDI, P. & MIDALLI, M. (org.). *La Famiglia Salesiana Riflette sulla Sua Vocazione*. Torino, Elle Di Ci, 1973, p.159 e 159-66.
- 9 STELLA, Pietro. *Don Bosco e le Trasformazioni Sociali*, p.165.
- 10 Cf. MB II, p.252-4; V, p.9; VI, p.334-7; XVII, p.365. Cf. STELLA, Pietro. *Don Bosco e S. Francesco di Sales*. In: PICCA, J. & STRUS' J. (org.). *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*. Roma, LAS, 1986, p.139-60.
- 11 Cf. BOSCO, Giovanni. *Scritti Spirituali*, publicados sob a responsabilidade de AUBRY, Joseph. Roma, Città Nuova Editrice, 1976, v.1, p.91. Um fato interessante: em janeiro de 1890, o P. F. Dalmazzo, secundando um desejo explícito de Dom Bosco, publicou, na Coleção “Leituras Católicas” um opúsculo intitulado: *Divoto esercizio proposto ai Cooperatori Salesiani in apparecchio (preparação) alla festa del glorioso loro Patrono S. Francesco di Sales*. 103p.
- 12 FRANCESCO DI SALES. *La Filotea*. I, cap. 3.
- 13 Cf. AA 3b e 4c.
- 14 LG 4; AG 4; cf. Jo 14,16-17.
- 15 Cf. RVA, art. 1º § 1º.

**Art. 29****PRESENÇA SALESIANA NO MUNDO**

§1º - O Cooperador sente-se "intimamente solidário" (1) com o mundo em que vive e no qual é chamado a ser luz e fermento. Crê nos recursos interiores do homem; partilha os valores da própria cultura; aceita as novidades com senso crítico cristão, integrando na sua vida "tudo o que é bom" (2), especialmente se apreciado pelos jovens.

§2º - Perante o mal, permanece confiante, não se lamenta inutilmente, nem se deixa arrastar pela crítica negativa. Antes, procura preveni-lo e combata-o com coragem e constância, empenhando-se em multiplicar o bem, sobretudo em proveito dos mais fracos.

(1) Cf. Vat. II, GS 1.

(2) 1 Ts 5,21.

No capítulo 2º, dedicado ao compromisso apostólico na família, no matrimônio, no ambiente de vida e de trabalho, na realidade social e cultural (art. 7-12), já foi visto quais são os compromissos seculares concretos e as finalidades mais importantes que o Cooperador estabelece para si.

Aqui se trata de realçar e determinar como age, quais as convicções e sentimentos interiores que o animam e quais os comportamentos exteriores, tipicamente salesianos, que ele manifesta. O artigo 12, dedicado ao testemunho das bem-aventuranças, já se inclui nesta ordem de considerações.

Como se comporta o Cooperador perante o mundo no qual a sua vocação salesiana o chama a viver e a trabalhar, para ser aí "luz e fermento"? Este artigo dá uma explicação a partir de dois pontos de vista:

- perante o bem, pratica o otimismo;
- perante o mal, pratica a coragem realista.

**29.1 Otimismo perante o bem (art. 29 §1º)**

Para o Cooperador que vive em pleno mundo, a caridade pastoral salesiana determina um comportamento fundamental eminentemente positivo: o da "solidariedade". Ele não se coloca orgulhosamente por cima ou de lado, para julgar e maldizer, considerando-se melhor do que os "outros". Como cristão, "sente-se parte viva da Igreja", como lhe recorda o artigo 27. Como cristão leigo, se sente parte viva do mundo, "cidadão" plenamente inserido na realidade temporal e corresponsável por ela.

Portanto, olha para este mundo com amor, com o ardente desejo de contribuir para o seu crescimento e realização integral, sendo nele "luz e fermento". Neste aspecto, imita e representa o próprio Deus, que "tanto amou o mundo que lhe enviou o seu Filho para salvá-lo" (Jo 3,16-17). Imita e representa a Igreja conciliar, que "se sente real e intimamente solidária com o gênero humano e com a história e condivide as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem".(1) Imita e representa Dom Bosco, que, através dos seus Ex-alunos e Cooperadores, queria contribuir para o futuro melhor da sociedade: "O Cooperador trabalha para o bem da Igreja e da sociedade", diz o artigo 3º.

No âmbito desta atitude global, feita de estima e de solidariedade, o Cooperador desenvolve em si três atitudes bem definidas.

### 29.1.1 "Crê nos recursos interiores do homem"

Crê que Deus, criador e redentor, na sua providência, depositou em cada pessoa recursos naturais e graças sobrenaturais, sobre os quais o homem de ação ou o educador podem sempre confiar e encontrar válidos motivos de esperança.

Era esta a convicção de São Francisco de Sales, "modelo de verdadeiro humanismo" (art. 28 §1º). Era esta a convicção de Dom Bosco, adversário do jansenismo de seu tempo. Dizia: "num jovem, mesmo no mais infeliz, existe sempre um ponto acessível ao bem, uma corda sensível" que é preciso fazer vibrar.(2)

Comentando o artigo 15, foi visto que todo o Sistema Preventivo consiste em "apelar para as fontes interiores da pessoa". Nos diversos contextos em que vive, tanto de jovens como de adultos ou de uns e outros juntos, o Cooperador tende a inspirar confiança, a atribuir responsabilidades, a fazer crescer as pessoas, a difundir otimismo.

### 29.1.2 "Partilha os valores da própria cultura"

Nas situações e nos acontecimentos deste mundo, o otimismo salesiano leva o Cooperador a ver o lado bom mais do que os aspectos negativos, perante os quais, porém, não fecha os olhos. Antes, procura instintivamente descobrir tudo o que se faz de bem e do qual se fala pouco, porque geralmente a opinião pública enfatiza quase unicamente as tragédias e os escândalos. Infelizmente, "uma árvore que cai faz mais barulho do que todo um bosque que cresce", diz um sábio provérbio chinês.

Ele acolhe e valoriza tudo o que é verdadeiramente humano e corresponde a algum aspecto da vocação e dignidade do homem e, em particular, "os valores da própria cultura". Diz o artigo 14 §2º: "Partilha com os jovens o gosto dos valores autênticos." Portanto, atende de boa vontade ao convite de São Paulo aos fiéis de Filipos: "Irmãos, tudo o que existe de verdadeiro, de nobre, de justo, de puro, de amável, de honroso, se existe outra virtude e outro louvor, eis o que vos deve preocupar (...). Então o Deus da paz estará convosco" (Fl 4,8s). É o texto que a liturgia do dia 31 de janeiro aplica a Dom Bosco; é também o texto que o Vaticano II tomou como diretriz geral para o diálogo dentro da Igreja, e desta com os não católicos, os não cristãos e com o mundo contemporâneo. (3)

A Associação se alegra por poder contar entre os seus sócios representantes das mais diversas culturas, legitimamente orgulhosos da própria cultura e prontos para desenvolvê-la em sentido cristão e salesiano. (4)

### 29.1.3 "Aceita as novidades com sentido crítico cristão"

O Cooperador assume uma atitude positiva perante toda forma de autêntico progresso: tomada de posse das coisas, dignidade e liberdade de qualquer pessoa e de qualquer povo, idêntica dignidade entre homens e mulheres, solidariedade sempre mais estreita a nível interpessoal, social, nacional e internacional.

Perante as novidades, não assume uma atitude preconceituosa negativa ou suspeita. Pelo contrário, tem propensão a tomá-las em consideração favorável, "especialmente se agradam aos jovens" que estão naturalmente abertos ao que é inédito; ao menos alguns deles são as antenas sensíveis do futuro.

Dom Bosco gostava daquilo que agradava aos jovens, sem medo; nas suas casas, eles se sentiam bem e viviam aí sem inibições aviltantes: aí podiam praticar o esporte, a música, o teatro, o turismo...

É evidente que em tudo isso é preciso exercitar o discernimento, o "senso crítico cristão".

Nem sempre as novidades significam progresso; por vezes são fúteis e até danosas, porque os vendedores de novidades manipulam enganosamente as consciências e exploram a sede natural de mudanças. Por isso, o Cooperador segue a norma de ouro de São Paulo: “Examinai tudo e ficai com aquilo que é bom” (1Ts 5,21). O Apóstolo sugere essa atitude para a verificação do dom da profecia, que é justamente uma sonda sobre o futuro novo que vem de Deus. Quem recusa o presente e não tende para o futuro, com isso mesmo, afirma a sua inaptidão para ser educador de jovens!

## 29.2 Coragem realista perante o mal (art. 29 §2º)

O Cooperador não é um ingênuo. Abrindo os olhos de boa vontade para o bem, ele vê também o mal do mundo e da própria época, aquela parte do mundo que está permeada pelo mal e sujeita ao Maligno, de que fala São João na sua primeira carta (1Jo 2,15.17; 5,19). Na realidade atual, o mal se propaga sob inúmeras formas. Contudo, também nesta situação, o Cooperador assume uma atitude positiva e corajosamente operativa.

Em primeiro lugar, “permanece confiante”: a observação da natureza, a percepção da história e sobretudo a sua fé o convencem de que a vida acaba sempre por triunfar sobre as forças da morte. O projeto de Deus vai em frente. O nosso mundo é um mundo definitivamente salvo pela Páscoa de Cristo; esta Páscoa não cessa de agir, na paciência e na própria dor. Mesmo diante das circunstâncias mais trágicas, o Cooperador não pode se desesperar, nem desanimar. Escuta o convite que Dom Bosco dirige a cada um dos diretores salesianos como a primeira das “lembranças”, o lema da grande Santa Teresa, repetido pelo P. Cafasso: “Nada te perturbe!” (5) É um eco da palavra do próprio Jesus aos apóstolos: “Não se perturbe o vosso coração. Tende fé (...). Tende paz em mim (...). Tende confiança: eu venci o mundo” (Jo 14,1.27; 16,33).

O texto continua: “Não se lamenta inutilmente, nem se deixa arrastar pela crítica negativa.” O Cooperador recusa-se a ceder à tendência natural de muitos adultos de louvar com saudade o passado e lamentar-se sobre o próprio tempo com azedume e agressividade. Afirma o P. Caviglia: “Quem está sempre pronto a se lamentar não tem verdadeiro espírito salesiano.” (6)

É evidente que não teme a contestação de tudo aquilo que vai contra a verdadeira vocação humana, e especialmente contra o que destrói a esperança dos jovens. Mas isto é feito de maneira lúcida, leal, prática, corajosa: “empenha-se em sanar e renovar...”, diz o artigo 11§1º. É fácil demais fazer grandes discursos aos domingos e depois cruzar os braços. O Cooperador prefere os fatos às palavras: “combate o mal com coragem e constância”, não abandona o terreno aos maus ou aos aproveitadores. Dom Bosco era de opinião que grande parte do mal deste mundo acontece mais pela preguiça dos filhos da luz que se acomodam do que pela maldade dos filhos das trevas; ele mesmo tinha um temperamento de lutador leal.

Portanto, o Cooperador “se empenha (sobretudo) em multiplicar o bem”. Quanto mais os maus se agitam e mais o mal de espalha, tanto mais o discípulo de Dom Bosco se sente desafiado a ‘arregaçar as mangas’ para atuar sobre a opinião pública, para procurar soluções novas para o bem, especialmente quando está em jogo a situação de fraqueza dos jovens. Não foi justamente para isso que foi fundada a Associação, “um modo prático de contribuir para os bons costumes e para a sociedade civil”? (título do Regulamento de 1876). E o artigo 50 cita esta frase tão significativa do Fundador: “A Associação é criada para sacudir da apatia em que jazem tantos cristãos, e difundir a energia da caridade.” (7)

## NOTAS DO ART. 29 — COMENTÁRIOS

1 GS 1.

2 MB V, 367.

3 Cf. LG 13b, 16, 17; UR 3b, 4hi; NAE 2b, 3a, 4b; AG 9, 22a; GS 11b, 36b. Em outras passagens, o Concílio fala dos valores "humanos, naturais, perenes, positivos, morais, socioculturais" do mundo que o cristão reconhece de boa vontade e se esforça por desenvolvê-los: cf. GE 1, 2, 5; NAE 2; AA 27, 29; PO 17; GS 4, 11, 36, 37, 53, 57, 61.

4 Veja-se também o comentário ao artigo 12, a respeito da evangelização das culturas.

5 MB VII, p.524.

6 CAVIGLIA, Alberto. Conferenze sullo Spirito Salesiano. Torino, PAS, 1949, p.14. (mimeografado).

7 MB XVIII, p.161.

**Art. 30****ESTILO DE AÇÃO**

§1º - Dom Bosco foi um homem prático e empreendedor, um trabalhador incansável e criativo animado de ininterrupta e profunda vida interior. O Cooperador convicto do valor da ação arraiga-a na união com Deus e desempenha suas várias tarefas com decisão e zelo; é disponível e generoso.

§2º - Atento à realidade e aos sinais dos tempos (1), tem o sentido do concreto, sabe discernir os planos do Senhor e se empenha com espírito de iniciativa em dar uma resposta às urgências que se apresentam, pronto para avaliar e readaptar constantemente a própria atividade.

§3º - "Trabalho e temperança!", recomendava Dom Bosco. O Cooperador enfrenta com serenidade as canseiras e dificuldades da vida e aceita a cruz que marca indefectivelmente o trabalho apostólico.

(1) Cf. Vat. II, GS 4, 11.

A última reflexão já introduziu o assunto deste artigo. Não se trata aqui do "trabalho profissional" do Cooperador; isto já foi tratado no artigo 10º, onde se diz que ele se aplica com a máxima competência e seriedade. Mais amplamente, trata-se da sua "ação", ou melhor, do aspecto ativo e operativo da sua vida em todos os campos, e mais particularmente no campo apostólico. O P. Ceria escreve: "O primeiro elemento dominante do espírito salesiano é a prodigiosa atividade, tanto coletiva como individual." (1) Ao comentar o artigo 28, foi sublinhado como a caridade pastoral salesiana fica caracterizada pelo dinamismo juvenil e por um zelo ardente "que tem necessidade de agir, de realizar". É justamente este "estilo dinâmico" que vai ser explicado aqui.

O artigo se divide em três parágrafos. O primeiro expõe o estilo global da ação do Cooperador ("trabalho"). Os outros dois apresentam algumas de suas características típicas: o realismo flexível e a coragem disposta ao sacrifício ("temperança"). O P. Rinaldi sintetizou isto numa fórmula magnífica: "A vida salesiana, considerada na sua atividade, é trabalho e temperança vivificados pela caridade do coração." (2)

**30.1 Estilo global de ação animada pelo zelo (art. 30 §1º)****30.1.1 Dom Bosco é um santo da ação**

O artigo se inicia com uma referência ao Fundador. Entre os santos, Dom Bosco é sem dúvida um dos que mais trabalharam pelo Reino e que mais exaltou o trabalho realizado pelo Reino, que consiste em "cooperar com Deus na realização do seu plano de salvação". É impressionante o que ele realizou nos 73 anos da sua vida: obras juvenis (oratórios, escolas para estudantes e para aprendizes, centros vocacionais); obras populares (principalmente a imprensa); obras missionárias (organização de onze expedições); fundação de três Grupos apostólicos (em meio à incompreensão de muitos); construção de quatro igrejas (das quais duas hoje são basílicas); direção espiritual (especialmente mediante a confissão); trabalho de escritor popular (uma centena de livros e opúsculos); mediação entre a Santa Sé e o novo Estado Italiano; numerosas viagens (algumas muito longas: Paris, Barcelona)... Morreu de cansaço, "desgastado".

E insistiu fortemente com seus filhos sobre o trabalho, prometendo-lhes "pão, trabalho e paraíso". (3) Observa o P. Cavíglia: "Eis o escândalo de um santo: diz muito mais vezes 'trabalhemos' do que 'rezemos'." (4) "Não fiquéis nunca ociosos; se não trabalhais vós, trabalha

o demônio." (5) "Quem não sabe trabalhar não é salesiano." (6) No leito de morte, por duas vezes disse ao P. Rua: "Recomendo-te que digas a todos os salesianos que trabalhem com zelo e ardor. Trabalho! Trabalho!" (7)

Observe-se, porém, que o texto do artigo acrescenta: "animado de ininterrupta e profunda vida interior". Não se trata apenas de trabalho realizado materialmente, mesmo se for bem feito; trata-se de um trabalho que tem uma "alma": a caridade pastoral, a consciência de "cooperar" com Deus criador e redentor para o seu Reino.

### **30.2 O Cooperador é um homem de ação**

Como o seu Fundador, o Cooperador está "convencido do valor da ação". Esta é a afirmação central deste parágrafo. Nunca se diz: "Não há nada a fazer!" Não: Existem sempre tantas coisas a fazer, sempre! Encontra-se aqui a perspectiva fundamental do artigo 27: inúmeras são as necessidades da Igreja, do mundo, dos jovens, do meu país, da minha cidade, do meu bairro; e inúmeras as urgências; e Deus me fez o convite e me deu a capacidade de agir, de realizar, de mudar ou fazer progredir as coisas, em todos os níveis. A cada Cooperador pessoalmente, e aos Cooperadores no seu conjunto, Deus dirige o convite para "cooperar" com ele na realização do seu plano. Para atingir esta finalidade, dizia Jesus, Ele "trabalha sempre" (Jo 5,17). Então, como deixar de ser, nas várias tarefas, "decidido, disponível, generoso"? Ou então, com uma palavra talvez mais tipicamente salesiana, já aplicada a São Francisco de Sales (art. 28 §1º): "zelosa"? Já foi observado que o "zelo" é a operosidade ardente, apaixonada, "de fogo".

Será suficiente ressaltar que essa operosidade não é agitação, nem mera necessidade de se movimentar, nem simplesmente expressão de um temperamento dinâmico; e muito menos um prurido para realizar alguma coisa a fim de atrair a atenção e o louvor dos outros. É ação motivada e animada interiormente, "arraigada na união com Deus", para quem, em última análise, vai ser realizada. O P. Rinaldi encontrou mais uma vez a fórmula sintética exata: é preciso conquistar "aquela operosidade incansável santificada pela oração e pela união com Deus, que deve ser a característica dos filhos de Dom Bosco." (8)

Será uma operosidade inspirada pelo amor autêntico: "Filhinhos, não amemos por palavra e com a língua, mas com obras e em verdade" (1Jo 3,16).

### **30.3 Concretude, criatividade, flexibilidade (art. 30 §2º)**

Esta operosidade intensa tem algumas características legitimamente salesianas, as mesmas deixadas como exemplos luminosos pelo próprio Fundador. O segundo parágrafo assinala três delas, ligadas entre si.

#### **30.3.1 Atenção à realidade**

Quem lê a vida de Dom Bosco se dá conta que todas as obras por ele empreendidas sucessivamente nunca foram primeiramente decididas em escritório, no papel, mas em contato com a realidade vivida, após descobrir a necessidade ou a urgência do momento e do lugar. Era aí que discernia o apelo de Deus: "Sempre fui para frente como o Senhor me inspirava e as circunstâncias exigiam", disse no final de sua vida. (9)

O mesmo acontece com seu discípulo, "atento à realidade e aos sinais dos tempos", num contexto de rápidas mudanças sócio-culturais e de situações históricas novas e envolventes. O Cooperador abre os olhos e os ouvidos, torna-se sensível não apenas ao desenvolvimento das ideias, mas mais ainda à imediatez concreta das pessoas e dos acontecimentos. O apelo angustiado



de um pároco ou o encontro com um grupinho de rapazes abandonados será suficiente para provocar uma ação catequética ou a fundação de um oratório “como em Valdocco”.

### **30.3.2 Iniciativa criativa**

Mas talvez se deveria inventar alguma outra coisa, diferente da catequese ou da escola, mais adequada à situação... Dom Bosco foi “criativo” (diz o §1º), cheio de imaginação pastoral, não pela satisfação de lançar uma novidade, mas para experimentar soluções eficazes, que respondessem imediatamente às urgências. E mais de uma vez teve que arriscar-se e enfrentar as críticas e as incompreensões dos outros. Um dia escreveu esta frase extraordinária a um Cooperador, para encorajá-lo na fundação de uma obra salesiana: “Nas coisas que revertem em benefício da juventude periclitante ou servem para ganhar almas para Deus, eu me lanço para frente até à temeridade!” (10) É uma frase ao estilo de São Paulo: “Deus não nos deu um espírito de timidez, mas um espírito de força” (2Tm 1,7).

Desta forma, cada um de seus discípulos “se empenha com espírito de iniciativa”. Não aguarda condições ideais para começar. Se há obras ou métodos do passado que ainda se revelam válidos, não tem escrúpulos em usá-los novamente. Mas cria algo de novo e de adequado (nas obras ou nos métodos) onde se faz sentir a necessidade.

### **30.3.3 Flexibilidade funcional**

Efetivamente, é necessário desconfiar do peso do hábito e da falta de atenção à realidade. O último traço característico deste comportamento de resposta às urgências se revela na fidelidade à vida e ao seu movimento, mais do que a certas leis e estruturas. As pessoas e os ambientes evoluem, especialmente hoje em dia, sobretudo entre os jovens, que na maioria dos casos, são as forças mais sensíveis ao futuro. Daqui se derivam os dois compromissos já assinalados: verificar periodicamente a própria ação para julgar sua eficácia real; readaptá-la continuamente a fim de mantê-la eficaz, de acordo com o ritmo da vida. O Vaticano II observa que a tarefa do educador exige, entre outras qualidades humanas, “uma capacidade pronta e constante de renovação e de adaptação”.(11)

Evidentemente, em tudo isto, o Cooperador manifesta o senso do equilíbrio e recusa-se a cair na mania das mudanças. Se se adapta continuamente, não o faz por razões fantasiosas ou por inconstância pessoal, mas para obedecer ao realismo apostólico. Visa a resultados positivos, não pela satisfação de um sucesso ridículo e vaidoso, mas porque estão em jogo o bem das pessoas e o advento do Reino de Deus. O critério oratoriano de Dom Bosco não se constitui numa alternativa para as instituições; antes, precisa ser considerado em relação à origem e vitalidade das mesmas.

## **30.4 Aceitação da cruz e das canseiras: temperança (art. 30 §3º)**

Além do mais, nem sempre se consegue obter bons resultados! Quem não tem os seus fracassos, os seus momentos de prova física ou moral, de verdadeiro cansaço, de incompreensão ou de conflito com os outros? Certamente a vida de Dom Bosco não foi nem fácil nem pacífica; foi perseguido pelos valdenses, pelas autoridades civis anticlericais e (o que foi bem mais doloroso), pelo próprio arcebispo! Além disso, sofreu muitíssimo em seu corpo; mas não “tornou infrutífera a cruz de Cristo” (1Cor 1,17; cf. Lc 9,23; 14,27). Ele a carregou com serena coragem, oferecendo tudo pelos jovens e pelo futuro da sua obra.

### **30.4.1 Trabalho e temperança**

Dom Bosco falou muito de “temperança”. É bom compreendê-la bem, e entender por que

ele a ligou a uma outra palavra, de modo que a expressão “trabalho e temperança” se tornou o segundo lema dos seus filhos, correspondendo exatamente ao “Da mihi animas, cetera tolle.”

O binômio tem o seu valor como tal e os dois elementos são inseparáveis. A segunda parte do lema não designa alguma coisa à parte, que precisaria receber uma consistência própria; nem se trata de algo paralelo. É a primeira coisa, considerada sob o aspecto das suas exigências evidentes. Como imaginar uma caridade pastoral salesiana sem sacrifício? Verdadeiro “trabalho” e procura das próprias comodidades são realidades inconciliáveis! Dom Bosco advertiu os salesianos: “Quando entre nós começarem as comodidades e o bem-estar, a nossa Sociedade já terá cumprido sua função” (12), enquanto “o trabalho e a temperança farão florir a Congregação.” (13)

### 30.4.2 Aceitação da cruz

O salesiano, bem como o Cooperador, não privilegia um tipo de mortificação um tanto artificial: jejuns, privações dolorosas, flagelações (embora vários dos filhos de Dom Bosco tenham usado o cilício). Sem deixar de ser mortificado em certos atos da sua vida, faz com que toda a sua vida seja mortificada e penitente, porque é uma vida doada. Em concreto, a sua penitência se chama: aceitação em ser perturbado, abertura às urgências, disponibilidade para dizer sim ao serviço que é pedido, renúncia ao que seria mais fácil, aceitação das canseiras, paciência e sorriso em meio às dificuldades cotidianas... Esta é a cruz mais habitual do Cooperador; e é capaz de levá-lo à santidade, tanto mais que talvez o Senhor, em certos momentos, poderá colocar às suas costas um cruz mais explícita, como um grande luto, a incompreensão de quem teria obrigação de ajudar, uma doença, o fracasso imprevisto de uma atividade apostólica empreendida com generosidade...

Na maioria das vezes, não se vê a mortificação na vida do Cooperador; está envolvida na sua atividade cotidiana, esconde-se atrás de um rosto vivaz e alegre, como os espinhos no caramanchão de rosas.(14) Assim ocorreu em grau altíssimo com Dom Bosco. Mas nem por isso deixa de existir. Acontece que a famosa “temperança” é, nele, uma realidade eminentemente positiva e fator de maturidade, de equilíbrio e de serenidade. “Mais do que uma virtude isolada, a temperança é uma atitude existencial fundamental que comporta inúmeras virtudes moderadoras que conduzem ao domínio sobre nós mesmos, ao controle sobre o nosso coração e sobre as paixões”,(15) ao comportamento “justo” nos relacionamentos, à humildade e à simplicidade. Em particular, ela tem sua participação para fazer do Cooperador aquela testemunha das Bem-aventuranças (de que fala o artigo 12), que obedece ao plano de Deus, recusa a riqueza e o luxo, vive a própria sexualidade com delicadeza e oblatividade, e “crê na fecundidade do sofrimento” e da não violência.

### NOTAS DO ART. 30 — COMENTÁRIOS

1 CERIA, Eugenio. *Annali della Società Salesiana*. v.1. Torino, SEI, 1941, p.722.

2 Em ACS, n. 56 (26 de abril de 1931), p.934.

3 MB XII, p.598.

4 CAVIGLIA, Alberto. *Conferenze sullo Spirito Salesiano*, p.110.

5 MB XIII, p.433.

6 MB XIX, p.152.

7 MB XVIII, p.493.

8 Capítulo Geral de 1922; esta fórmula entrou nos Regulamentos, no capítulo que trata da formação dos noviços salesianos (ed. 1966, n. 280, § 4º). A respeito do trabalho como colaboração na obra de Deus criador e redentor, o Cooperador pode ler a Encíclica de João Paulo II, *Laborem Exercens*. Roma, 1981.

- 9 MB XVII, p.127.
- 10 Ep. III, p.166; MB XIV, p.602.
- 11 GE 2.
- 12 Do Testamento Espiritual de 1886, em MB XVII, p.272.
- 13 MB XII, p.466; XIV, p.124; XV, p.183.
- 14 MB III, p.32.
- 15 VIGANÒ, Egídio. La Temperanza. In: Un Progetto Evangelico di Vita Attiva. Torino, Elle Di Ci, 1982, p.119s. Todo o capítulo merece ser lido. Veja-se também o seu comentário à estreia de 1982: Trabalho e Temperança.

**Art. 31****AFABILIDADE NO RELACIONAMENTO**

§1º - O Cooperador nutre em si profunda e serena alegria, e a irradia para testemunhar que o Senhor o acompanha em cada momento com seu amor: "Sirvamos ao Senhor em santa alegria!".(1)

§2º - Nas suas relações, pratica a bondade querida por Dom Bosco: esforça-se por ser aberto e cordial, disposto a dar o primeiro passo e a acolher sempre com bondade, respeito e paciência. Tende a suscitar relações de confiança e amizade para criar em torno de si um clima de família feito de simplicidade e afeto. É o promotor da paz que busca, no diálogo, esclarecimento e acordo.

(1) DON BOSCO. Il Giovane Provveduto. Prólogo (do Salmo 100, 2); cf. também FI 4,4: leitura da missa do dia 31 de janeiro.

*Depois do estilo de ação, vem o estilo de relações, sempre sob o sinal e o impulso da "caridade pastoral salesiana". Será apresentado nos dois aspectos da alegria e do espírito de família.*

**31.1 Alegria "profunda e serena" (art. 31 §1º)**

Está aí uma característica inconfundível do espírito salesiano. Todo salesiano verdadeiro é alegre: isto já é mais do que sabido. Mas atenção! O texto do artigo utiliza expressões exatas e significativas. A alegria salesiana não é apenas "bom humor", nem "barulho"; muito menos só expressão de um temperamento feliz e talvez um tanto superficial. É uma realidade "profunda" que o Cooperador "nutre em si" de forma permanente: é o estado de ânimo daquele que, com fé viva, coloca a própria vida e as próprias preocupações nas mãos de um Pai infinitamente bom. Está cômico que sua vocação é estupenda, que o seu trabalho é útil, que até as suas dificuldades são fecundas.

A alegria salesiana é, portanto, uma alegria serena, tranquila, instalada no coração, companheira da "paz" do Ressuscitado. É recusa à amargura e à agressividade. Manifesta-se no rosto e nos gestos de amabilidade. Mas tem necessidade de ser "alimentada". De que forma? Com a consciência da presença permanente em nós da vida do Ressuscitado, com o qual se trabalha no grande projeto do Pai, e com a fidelidade às inspirações do seu Espírito. "Alegrai-vos no Senhor, sempre; eu vos repito ainda: alegrai-vos. O Senhor está perto" (FI 4,4). É o que nos diz São Paulo, no dia da festa de Dom Bosco. É um fruto da vida da graça!

Mas a alegria também faz parte da missão salesiana. Os jovens esperam de cada um dos discípulos de Dom Bosco o testemunho da alegria. Quem está frequentemente de mau humor, que imagem pode oferecer de Deus a quem serve? Como pode se mostrar como portador de uma "Boa Nova"? De um Deus que ama a vida e a liberdade? Por este motivo, o Cooperador "irradia" a alegria, é comunicador de alegria e de festa. Como os jovens, e com eles, gosta do canto, da música, do pátio barulhento, do teatro, dos passeios...

Procura criar ao redor deles aquele clima em que possam experimentar mais facilmente a eficácia libertadora da graça de Cristo.

## 31.2 Amorabilidade e espírito de família (art. 31 §2º)

O segundo parágrafo é muito denso e mereceria um longo comentário. Apresenta a típica “amorabilidade” salesiana, atitude de bondade que é ao mesmo tempo interior e exterior, e que caracteriza as relações do Cooperador não apenas com os jovens, mas com todos: irmãos, amigos, companheiros de trabalho e de tempo livre, irmãos e irmãs salesianos, pessoas com que se encontra ocasionalmente... Já foi dito algo quando, no artigo 15, foi comentado o Sistema Preventivo, do qual se constitui no terceiro elemento (razão, religião, amorabilidade). É também conhecida a famosa Carta de Roma de 10 de maio de 1884, onde a amorabilidade é apresentada por Dom Bosco mesmo no seu contexto privilegiado: o primeiro Oratório de Valdocco. O breve comentário aqui oferecido quereria sublinhar quatro aspectos da “afabilidade no relacionamento” (título), uma das expressões mais típicas da caridade pastoral salesiana.

### 31.2.1 A acolhida

“O Cooperador esforça-se por ser aberto e cordial, disposto a dar o primeiro passo e a acolher.” O Salesiano Cooperador não é fechado em si mesmo, misantropo; mas uma “pessoa de relações”, porque não se pode imaginar um cristão apóstolo que tenha propósitos de eremita. Ele assume, portanto, as atitudes que favorecem o contato. “Aberto e cordial” exige rosto sorridente e mãos estendidas. As duas expressões que se seguem são complementares: ir ao encontro do outro, acolher o outro que vem. Dom Bosco não cessava de recomendar estas atitudes aos seus: dar o primeiro passo em direção de quem é tímido ou medroso, em direção de quem tem um sentido exagerado de respeito que o mantém mudo ou afastado, suprimir as distâncias, aproximar com simpatia, “descer do púlpito”, “tornar-se pequeno com os pequenos”. Quando, pois, é o outro que se aproxima, é preciso acolhê-lo “sempre”, abrir-lhe a própria porta e o próprio coração, escutá-lo, entrar nos seus interesses.

Tudo isto põe em jogo uma rica atitude composta de muitas virtudes que, entre nós, se chamam: bondade que procura o bem do outro; estima e respeito que se recusam a escravizá-lo e reconhecem a dignidade pessoal única do outro, mesmo por detrás de seus defeitos; a paciência que não é senão o amor constante e perseverante. “A caridade é benigna, é paciente”, diz São Paulo; e Dom Bosco o repete. Tudo isso se resume em ter “o sentido da pessoa”: esforçar-se para considerar cada um como Deus, que conhece e ama a cada um pessoalmente, sem discriminações (Mt 5,45); como Cristo Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas e as chama pelo nome (Jo 10); como Dom Bosco, que olhou e amou desta maneira a todos os que encontrava ou que o rodeavam. Cada pessoa é um universo, um mistério, um irmão pelo qual Cristo se sacrificou (Rm 14,15).

### 31.2.2 A amorabilidade. A familiaridade

A frase seguinte desenvolve os conteúdos do adjetivo “cordial”, e termina com a palavra “afeto”. Nos escritos de Dom Bosco se encontram as duas palavras “familiaridade” e “amorabilidade”, que são tipicamente salesianas. Elas se equivalem, porque ambas indicam um afeto demonstrado. Talvez a primeira insista mais sobre o comportamento exterior e a segunda sobre a atitude interior do coração que ama. Aqui vêm espontâneas as famosas frases da Carta de Roma, de 10 de maio de 1884: “Que os jovens não somente sejam amados (...). Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! (...) O Superior seja todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou.” (1)

O salesiano é “homem de coração”, sinal visível (ao menos parcialmente) da ternura do Pai celeste, da caridade do Bom Pastor, da solicitude materna de Maria, como disse o artigo 28. É uma pessoa sensível, que não acredita que deve ser austero e frio para manter a sua “dignidade” ou a sua “autoridade”. Ama pessoalmente, como um irmão, um amigo: “procura chegar ao coração e fazer-se amar”, diz o texto (art. 15). Seu afeto verdadeiro e pessoal é rico de sentimentos: felicidade e alegria no encontro e na comunhão, pena e tristeza na ausência ou na partilha de qualquer sofrimento.

Para não ser mal entendidos, é preciso recordar aqui a expressão conclusiva do artigo 15: “Procura fazer-se amar com maturidade e transparência.” Duas palavras de ouro! Com efeito, a verdadeira amorabilidade situa-se como antípoda do sentimentalismo: “querer bem” ao outro é querer seriamente o bem dele, na renúncia a qualquer procura de tipo egoísta, a qualquer vontade de escravizar os corações para a própria satisfação, portanto, a qualquer gesto ou palavra que possa ser mal interpretado ou possa perturbar, a qualquer intimidade que impedisse de permanecer aberto a todos. “Uma visão evangélica da castidade leva o Cooperador a atitudes de delicadeza”, diz o artigo 12. A temperança intervém neste contexto para manter a amorabilidade na sua autenticidade.

Portanto, o Cooperador tem um coração espontâneo e simples, mas delicado; um coração terno e contudo não fraco nem débil; uma sensibilidade real e contudo dono de si. É como um milagre de equilíbrio; na realidade, um dom da graça de Deus, através da presença do Espírito de caridade. Graças a ele, a amorabilidade salesiana tem a desenvoltura própria dos filhos e das filhas de Deus.

### 31.2.3 O clima de família

Este parágrafo, muito denso, trata também do “clima de família”. Com efeito, quando o Cooperador consegue o sucesso no seu esforço para “suscitar relações de confiança e amizade”, o afeto que ele demonstra “retorna para ele”, e então se cria um clima, um ambiente, se respira um ar, justamente o que caracteriza uma família. O espírito salesiano é “espírito de família”: faz com que cada um se sinta “em sua casa”, “à vontade”, mas também responsável por um bem comum.

É caracterizado pela mútua confiança, manifestada especialmente em duas atitudes. Em primeiro lugar, a intensa intercomunicação: há necessidade e alegria em partilhar tudo, como numa verdadeira família: pensamentos, interesses, projetos, alegrias e sofrimentos, experiências e iniciativas, e até bens materiais. Cada membro enriquece a todos os outros, e ele mesmo é enriquecido por todos: as pessoas crescem e cresce sua comunhão. Em segundo lugar, as relações ativas são reguladas pelo mínimo recurso à lei e à autoridade, aos regulamentos e às conveniências e pelo máximo apelo às forças interiores da razão, da liberdade, do coração, da fé. Confia-se muito mais na persuasão do que na imposição; mais na iniciativa e na corresponsabilidade do que no dever e na obediência; mais no amor livre e alegre do que na disciplina determinada e austera. Repercute aqui o grito de Dom Bosco na Carta de Roma: “Por que se quer substituir a caridade pela frieza de um regulamento?” (2)

Um dos sinais mais seguros do espírito salesiano é aquele ar de desenvoltura, de liberdade, de fantasia, de alegria que perpassa entre os discípulos de Dom Bosco e nos ambientes nos quais são os animadores. Não existe constrangimento, não existe medo. Cada qual fala o que pensa, traz a própria contribuição pessoal e generosa, inventa... O próprio Dom Bosco dizia: “Deus não gosta das coisas feitas forçadamente. Sendo ele o Deus de amor, quer que tudo seja feito com amor.” (3)

### 31.2.4 Nas possíveis situações de conflito

Uma última frase evoca as possíveis situações de conflito. Como ser fiel ao “espírito de família” salesiano quando existe disparidade de pontos de vista, incompreensões ou desentendimentos com as pessoas com quem é preciso tratar? A situação atual está assinalada por um fenômeno conflitual muito difuso, que não perdoa nenhum ambiente: basta pensar na família, na escola, no ambiente de trabalho, até na comunidade eclesial...

O próprio Dom Bosco se encontrou nestas situações trágicas. Não perdia a calma nem se deixava desencorajar. Evitava o confronto frontal. Ficava atento para prevenir possíveis oposições. Não podendo superá-las, desviava-se delas. Sabia rezar, esperar com fortaleza. Não estava, porém, inclinado a abandonar os seus projetos quando sabia que Deus os queria.

Em caso de conflito, o primeiro movimento do Cooperador é o de procurar esclarecer as coisas mediante um diálogo sincero e sereno. Depois, faz todo o possível para encontrar um ponto de convergência e um acordo. Evita a crítica destrutiva e a contestação estéril. (4) Conforme o artigo 12, “está convencido de que a não-violência é fermento de paz e de que o perdão constrói a fraternidade.” Frequentemente será necessária aquela atitude de fortaleza cristã que se chama paciência; mas paciência envolvida de oração, de perdão e cheia de esperança: “a caridade tudo crê, tudo suporta, tudo espera” (1Cor 13,7).

#### NOTAS DO ART. 31 — COMENTÁRIOS

- 1 MB XVII, p.111s.
- 2 MB XVII, p.111.
- 3 MB VI, p.15.
- 4 Veja-se o comentário ao artigo 29 § 2º.

**Art. 32****ORAÇÃO SIMPLES E VITAL**

§1º - As exigências do chamado evangélico e a experiência pessoal ensinam ao Cooperador que nada pode sem a união com Jesus Cristo. (1) Dele recebe o Espírito que o ilumina e lhe dá força dia após dia.

§2º - Caracterizada pelo espírito salesiano, sua oração é simples e confiante, alegre e criativa, impregnada de intenso ardor apostólico: sobretudo encarna-se na vida e nela se prolonga.

§ 3º Transforma a sua vida numa liturgia de louvor: trabalho, descanso, iniciativas apostólicas, alegrias e sofrimentos são, dessa maneira, vividos no Senhor e tornam-se um dom que Lhe agrada e um hino à sua glória". (2)

1 Cf. Jo 15, 5; e Vat. II, AA 4.

2 Cf. Vat. II, LG 34; e orações da Missa do dia 31 de janeiro.

*O espírito salesiano, centralizado e sintetizado na ardente caridade pastoral, permeia também a oração do Cooperador. Mas, antes de descrever as características salesianas desta oração (§ 2º), o artigo sublinha sua necessidade (§ 1º). Finalmente, põe em relevo o sentido do louvor e da glória de Deus que o percorre por inteiro (§ 3º).*

**32.1 Necessidade da união com Jesus Cristo (art. 32 §1º)**

Para falar a verdade, não é diretamente a necessidade da oração que é realçada no primeiro parágrafo, porém, mais ampla e profundamente, a “união com Jesus Cristo”. Esta se expressa, é claro, nos gestos da oração e dos sacramentos, mas também na atitude do coração unido a Jesus vivo numa comunhão de fé e de amor. Esta comunhão pode ser vivida em qualquer momento, através de todas as atividades e situações, como uma espécie de estado de ânimo contínuo. É a realidade e a qualidade desta fé e deste amor que precisam ser verificadas!

**32.1.1 Cristão unido ao seu Senhor**

Por menor que seja o conhecimento da sua vocação cristã e salesiana, é evidente que o Cooperador deve estar unido com o Senhor Jesus. Como cristão, chamado ao apostolado, ele acolhe a palavra que Jesus dirigiu a todos os seus discípulos: “Eu sou a videira e vós os ramos. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanecer unido à videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Quem permanece em mim e eu nele produz muito fruto; mas, sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,4-5). A união vital com Cristo é uma necessidade absoluta para quem quer produzir frutos de santidade pessoal e de fecundidade apostólica.

O Concílio lembrou isto a todos os leigos: “Uma vez que Cristo, enviado pelo Pai, é fonte e origem de todo apostolado da Igreja, torna-se evidente que a fecundidade do apostolado dos leigos depende de sua união vital com Cristo. Pois é o Senhor quem diz: ‘Quem permanecer em mim (...)’.” (1)

Depois de ter dito que esta íntima união com Cristo é alimentada pelos auxílios espirituais fornecidos pela Igreja, o mesmo número do Documento conciliar especifica que ela é experimentada no próprio cotidiano da vida, “enquanto cumprem corretamente as funções mesmas do mundo”, e até que cresce na medida em que desenvolvem a própria atividade segundo



a vontade divina. “Nem os cuidados pela família, nem os demais assuntos seculares devem ser estranhos à espiritualidade da sua vida, segundo a expressão do Apóstolo: ‘O que quer que fizerdes por palavra ou ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus Cristo, dando graças a Deus Pai por ele’ (Cl 3,17).” (2)

Portanto, trata-se de uma profunda comunhão com o Senhor Jesus, vivida no decorrer ordinário de toda a vida. O Concílio especifica depois que isto “reclama o exercício contínuo da fé, esperança e caridade”:

- fé: para reconhecer Deus presente “sempre e em toda a parte”, para discernir Cristo presente na Eucaristia, nos sacramentos, nos pequenos e nos pobres, para “proferir julgamentos corretos sobre o verdadeiro significado e valor das coisas temporais”;
- esperança: para libertar-se “da escravidão das riquezas”, para dedicar-se às tarefas terrenas sem deixar de tender para os bens eternos, para ser fortes nas adversidades;
- caridade: para fazer o bem a todos com retidão, para ajudar-se mutuamente, para viver realmente o espírito das bem-aventuranças, inclusive a perseguição por causa da justiça. (3)

O mínimo que se pode dizer é que não se trata de uma “comunhão com Cristo” superficial e sentimental! É a própria vida, “escondida com Cristo em Deus”, isto é, orientada, animada e transformada pela visão cristã das coisas e pela caridade cristã, no Espírito Santo. Isto vale para o Cooperador, acrescentando-se os esclarecimentos requeridos pela visão salesiana da fé e da caridade pastoral.

### **32.1.2 Cristão Cooperador unido ao seu Senhor**

Como cristão chamado a percorrer o caminho salesiano, o Cooperador percebe ainda mais intensamente a necessidade da sua comunhão de fé e de amor com Cristo, e, por meio dele, com o Pai, no Espírito Santo. Basta recordar os conteúdos dos artigos 2º (um cristão chamado) e 7º (apóstolo secular), e especialmente os artigos 27, 28 e 30 §1º: Seria insensato e ridículo pretender “seguir o Homem perfeito” (art. 7º), ser um “cooperador de Deus” e realizar “a mais divina entre as coisas divinas” (art. 27), colocar no centro da vida a caridade pastoral para ser sinal e portador do Bom Pastor aos jovens (art. 28)... sem viver unido a Jesus, “o Ressuscitado que está conosco todos os dias” (art. 27). Tanto mais que unicamente dele (acrescenta este parágrafo) pode receber o indispensável Espírito que, dia após dia, lhe comunica a luz e a força divina de que tem absoluta necessidade.

Portanto, para o Cooperador, o problema profundo consiste na realidade da sua fé viva, da sua plena adesão a Cristo e sincera comunhão com ele, do seu olhar e espírito voltados para ele! É preciso examinar-se com frequência. É preciso recorrer aos meios necessários para conservar e desenvolver esta comunhão com ele, recordando-se que seu Fundador, Dom Bosco, foi definido “a união com Deus”. A sequência deste artigo e os próximos artigos 33, 34 e 35 indicam-lhe os principais meios para realizar esta união.

## **32.2 As características salesianas da oração (art. 32 §2º)**

Entrando agora no assunto da oração explícita, é preciso dizer logo que não existe uma “oração salesiana”. Com certeza, porém, existe um estilo salesiano da oração cristã eclesial, tanto pessoal como comunitária. Este segundo parágrafo descreve alguns de seus traços, que podem ser divididos em quatro séries.

### **32.2.1 Simplicidade e confiança**

A oração do Salesiano Cooperador é “simples” na inspiração evangélica, na quantidade, na forma exterior. Ele sente a Deus próximo a si e faz a experiência viva da sua paternidade sempre acolhedora.

Evita orações longas e cansativas (claro que quem quiser rezar mais, espontaneamente, pode fazê-lo), fórmulas rebuscadas, ritos complicados, demonstrações demasiadamente exteriorizadas ou emotivas. Não utiliza uma oração aristocrática, mas aquela de um membro do “povo de Deus”. Outros fundadores prescreveram aos membros de sua Ordem Terceira uma série de exercícios ou de fórmulas especiais. Dom Bosco foi muito mais sóbrio: para seus Cooperadores não pediu nada mais que as práticas do “bom cristão”: frequência aos sacramentos, retiro mensal e, como uma prática diária especial, um Pai Nosso e uma Ave Maria pelo Papa. (4)

### **32.2.2 Vivacidade e alegria**

Simples, porém, não significa passivo. Dom Bosco sempre quis liturgias bonitas, “gostosas”, com canto e música, com uma equilibrada variedade, para manter desperta a atenção do coração, renovar a alegria interior, fazer experimentar quanto é belo estar com Deus: “Sirvamos ao Senhor em santa alegria!”, diz o artigo 31 §1º.

Poderá acontecer que algum Cooperador atravessasse algum período de aridez espiritual. Então um suplemento de fé o levará a uma oração mais humilde e mais suplicante, mas nunca “entediada”.

### **32.2.3 Ardor apostólico e presença dos jovens**

A oração do Cooperador é a de um servidor do Reino de Deus, de um “missionário dos jovens”, animado pela caridade pastoral salesiana. É uma oração totalmente impregnada por uma inspiração apostólica que se torna apelo insistente: “Da mihi animas!” e “Venha o teu Reino!” Está repleta dos interesses da Igreja universal e particular, da Família Salesiana, da Associação e do Centro.

É especialmente oração pelos jovens, para que o esforço realizado pela salvação deles produza frutos e, quando for possível, com os jovens, em estilo juvenil. Aí está um testemunho: uma Cooperadora, de vez em quando, entrava na capela salesiana levando nas mãos a lista de todos os meninos e meninas do seu oratório e do seu grupo de catequese; e, diante do Senhor ou de Nossa Senhora, fazia desfilar cada um dos seus nomes, cada um de seus rostos. Rezava não apenas por eles, mas em nome deles. E dizia: “É uma oração durante a qual nunca me senti chateada”.

### **32.2.4 Sobretudo é aderente à vida e se prolonga nela**

O Cooperador fica atento para que não haja barreiras nem paralelismo entre sua oração e sua vida. Reza com um coração sincero, foge do conformismo e do formalismo, quer palavras autênticas, gestos dignos, celebrações que venham a incidir na vida prática, a fim de transformá-la pouco a pouco em liturgia e culto espiritual, como diz o terceiro parágrafo.

Vale a pena parar um pouco aqui, pois se trata daquilo que a tradição salesiana chama de “piedade salesiana”, mesmo se alguma coisa já foi dita no artigo 31 §1º, a propósito da oração inserida na união com Deus.

### **32.2.5 A vida como lugar de uma oração difusa**

A piedade salesiana não se identifica com os “exercícios de piedade”, mesmo se gosta deles e os pratica. A piedade salesiana é uma atitude do coração: é o modo teologal de cumprir as diversas atividades do dia, com fé e com amor, com Deus e por ele.

É difícil! É exigente! Justamente por este motivo é que a oração explícita é concebida não como uma atividade fechada sobre si mesma, mas como uma ajuda, uma orientação, uma educação paciente a esta doação da vida. A tal ponto que passa para a própria vida, “prolonga-se nela”, tornando-se “espírito de oração”: encontra-se na ação o mesmo Deus vivo encontrado na oração explícita, e a ação se torna o lugar de uma “oração difusa” muito profunda.

Uma redação anterior exprimia isto; mas a preocupação em simplificar acabou fazendo-a desaparecer: “Imitando Dom Bosco, aberto à realidade do mundo e ao mesmo tempo sempre unido a Deus, o Cooperador se esforça para transformar o próprio trabalho em oração e em diálogo profundo com Ele. Na fé descobre a sua presença contínua em si mesmo, nos irmãos e nos acontecimentos, e realiza tudo por seu amor.” (5)

Por vezes acontece que, durante o próprio trabalho, uma oração espontânea e informal invade seu coração e com frequência aflora aos seus lábios, particularmente sob a forma de oração jaculatória, explicitamente recomendada por Dom Bosco, segundo o ensinamento de São Francisco de Sales. Pode-se dizer que estes apelos humildes são a oração “que emerge da vida”, o diálogo simples, cordial, espontâneo, rápido, com Cristo, com o Pai, com o Espírito, com Maria. São exatamente as circunstâncias da vida que provocam e alimentam este diálogo: levam o Cooperador a agradecer imediatamente a Deus pelas coisas bonitas e boas que está vendo, a clamar por ajuda diante do sofrimento, a pedir logo perdão por todo pecado que encontra, a suplicar-lhe que sustente e fecunde o seu esforço. Assim, se é verdade que a oração leva sempre à doação da vida, é também verdade para o Cooperador que a doação da vida leva à oração e à profunda comunhão de amor com Deus.

### **32.3 O sentido do louvor e glória de Deus (art. 32 § 3º)**

O último parágrafo está bem na linha desta última reflexão. Sublinha, porém, um elemento típico da espiritualidade de Dom Bosco: o sentido vivo do louvor e da ação de graças, e o sentido vivo da glória de Deus. Com efeito, Dom Bosco usava com muita frequência a expressão “trabalhar para a glória de Deus e salvação das almas”. Consciente de tudo o que recebe de Deus, o Cooperador responde com um Magnificat vibrante e com um louvor que não é apenas dos lábios, mas da própria vida, com todos os seus componentes: vivida “no Senhor”, isto é, na fidelidade à sua vontade, com fé e amor, pode realmente ser oferecida como um dom.

É exatamente o que São Paulo chama de “culto espiritual” (Rm 12,1), exercício intenso do sacerdócio batismal, que o Concílio, na Lumen Gentium, explicou tão esplendidamente para os leigos: “Aos leigos, que une intimamente à Sua vida e missão, (Cristo) também concede parte do Seu múnus sacerdotal no exercício do culto espiritual para que Deus seja glorificado e os homens salvos. Por isso, consagrados a Cristo e ungidos pelo Espírito Santo, os leigos são admiravelmente chamados e munidos para que neles se produzam sempre mais abundantes os frutos do Espírito.

“Assim, todas as suas obras, preces e iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho cotidiano, descanso do corpo e da alma, se praticados no Espírito, e mesmo os incômodos da vida pacientemente suportados, tornam-se “hóstias espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1Pd 2,5), hóstias que são piedosamente oferecidas ao Pai com a oblação do Senhor na celebração da Eucaristia. Assim também os leigos, como adoradores agindo santamente em toda parte, consagram a Deus o próprio mundo.” (6)

Contudo, para conseguir isso, é preciso educar o coração para a contemplação de Deus.

#### **NOTAS DO ART. 32 — COMENTÁRIOS**

- 1 AA 4a.
- 2 AA 4a.
- 3 AA 4bcdef.
- 4 Cf. RDB VIII, 2, 3, 4.
- 5 Esta redação encontra-se em Atti e Documenti del 2º Congresso Mondiale Cooperatori Salesiani. Roma, 1985, p.84.
- 6 LG 34.

**Art. 33****PALAVRA E SACRAMENTOS**

§1º - Para alimentar a vida de oração, o Cooperador recorre às fontes espirituais oferecidas pela Igreja e pela Associação. Participa ativamente na liturgia e valoriza as formas de piedade popular que podem enriquecer a sua vida espiritual.

§2º - Cada dia abre espaço para o diálogo pessoal com o Senhor. Mediante a leitura e a meditação possivelmente quotidiana da Palavra de Deus, aprende a ver e a julgar tudo à luz divina.

§3º - Seguindo o ensinamento de Dom Bosco, aproxima-se dos Sacramentos com fé e frequência. (1) Na Eucaristia haure na Fonte da caridade pastoral. Na Reconciliação encontra a misericórdia do Pai e imprime à sua vida uma dinâmica de contínua conversão, que o faz crescer no amor.

(1) RDB VIII, 4.

*Com o artigo 33 passa-se aos meios ``para alimentar a vida de oração'' do Cooperador: de modo global (§ 1º), e de maneira mais detalhada: a Palavra (§ 2º) e os Sacramentos (§ 3º).*

**33.1 A Liturgia e a piedade popular (art. 33 §1º)****33.1.1 A Liturgia**

O parágrafo está estreitamente inspirado na Apostolicam Actuositatem: “Esta vida de íntima união com Cristo se alimenta na Igreja com os auxílios espirituais que são comuns a todos os fiéis, sobretudo com a participação ativa na Liturgia.” Evidentemente, o Cooperador está aberto à renovação litúrgica promovida pelo Vaticano II, tanto para si mesmo como para a animação da liturgia na própria família e paróquia e junto aos jovens. De boa vontade, entra nos três ritmos com os quais a Igreja santifica o tempo e a vida dos seus membros.

- O ritmo diário: Quando é possível, o Cooperador toma espontaneamente em mãos o livro das Horas para oferecer a Deus a oração das Laudes (Manhã) ou das Vésperas (Tarde) ou das Completas (Noite). Recorda-se que esta liturgia não é reservada aos sacerdotes ou às religiosas; é verdadeiramente a oração oficial pública de todo o povo de Deus; é sua oração. Portanto, é proposta a todos, mesmo se alguns recebem o mandato de rezá-la em nome de todos (não em lugar deles). (1)

“As Laudes, como preces matutinas, e as Vésperas, como preces da tarde, segundo a venerável tradição de toda a Igreja, dois gonzos do Ofício cotidiano, sejam tidas como as Horas principais e assim sejam celebradas;” (2)

- O ritmo semanal: O Cooperador celebra com fervor o domingo, dia da ressurreição de Cristo e da assembleia cristã (3), também dia “salesiano”, porque em numerosos casos realiza a típica trilogia salesiana: “trabalho (apostólico), piedade, alegria”. Está atento para não ceder, como tantos hoje em dia, à tentação de banalizar e secularizar o domingo: apenas uma horinha para Deus (por parte dos que ainda pensam nisso!), e todo o resto para o egoísmo pessoal! Depois disto, será retomado com enfado o trabalho habitual.

Ao invés, o verdadeiro domingo dá coragem para toda a nova semana, porque continuará a construção do Reino do Pai e o seu projeto progredirá!

- O ritmo anual: o Cooperador “participa ativamente” do ano litúrgico (4) , com suas festas tão belas e renovadoras; Dom Bosco tinha o cuidado de prepará-las muito bem. Por meio delas, os mistérios salvíficos de Cristo penetram progressivamente na própria vida; e esta se torna pouco

a pouco "mistério" crístico de alegria, de dor e íntima glória! O Cooperador tem em casa o seu Missal, e acha tempo para ler algumas de suas páginas a fim de respirar o ar puro dos domingos e das estações cristãs.

### **33.1.2 A piedade popular**

O Concílio aprova "os piedosos exercícios do povo cristão", harmonizando-os na liturgia (5). A "piedade popular", exaltada por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* nº 48, vai ainda mais além. Visto que não é um aristocrata espiritual, mas um cristão de alma simples, o Cooperador valoriza estas formas de piedade e as utiliza para si e para os outros, com sentido pedagógico e pastoral salesiano, como fazia Dom Bosco; evidentemente, sem cair num "devocionismo". A experiência lhe diz quanto bem pode trazer para a alma a Via-Sacra, o Terço, o mês de Maria, as novenas das festas, uma procissão, uma peregrinação... e, com maior razão, o culto ao Santíssimo Sacramento, regulado por normas litúrgicas. Dom Bosco sempre recomendou vivamente a todos, de modo particular, a visita ao Santíssimo, um encontro fácil, cordial, estimulante com o Senhor Jesus vivo entre nós.

## **33.2 A oração pessoal e a escuta da Palavra (art. 33 §2º)**

### **33.2.1 A oração pessoal cotidiana**

Não se deve descuidar da breve mas preciosa frase: "Cada dia (o Cooperador) abre espaço para o diálogo pessoal com o Senhor." "Abre espaço": é considerado como algo normal e real. E no entanto... A vida moderna arrasta numa sequência vertiginosa de ocupações e preocupações! Sobra um pouco de tempo para encontrar o Senhor "face a face" e dialogar com Ele com humildade, alegria e simplicidade? Quem ama encontra esse tempo, pela manhã ou pela tarde, no momento escolhido oportunamente. Encontra-o aquele que quer manter viva esta indispensável comunhão de fé e de amor com Ele, como foi tratado longamente no comentário do artigo 33.

Talvez se deva dizer que se trata de um problema mais de atenção interior do que de tempo; mais de espaço psicológico do que cronológico. Há Cooperadores e Cooperadoras que fazem regularmente uma fervorosa oração da manhã no carro ou no ônibus, ao se dirigirem ao trabalho. Também foi falado daquela "oração difusa", envolvida com o trabalho no decorrer de todo o dia. É fato inegável que um momento, mesmo breve, empregado numa oração explícita, no recolhimento e "no silêncio" (Mt 6,6), habitualmente oferece maiores capacidades de renovação da comunhão com o Senhor.

Os significados e as formas deste diálogo, são amplamente tratados no manual Cooperadores de Deus. (6)

### **33.2.2 A escuta da Palavra**

A segunda frase convida o Cooperador à "leitura e meditação possivelmente cotidiana da Palavra de Deus." É algo estreitamente ligado ao precedente: pode existir "diálogo" se ambos os interlocutores falam ao mesmo tempo? O cristão bem educado, consciente da sua identidade de filho e servo, chamado gratuitamente, inicia sempre o diálogo com o silêncio: deixa que Deus tome a palavra por primeiro; e escuta e medita... Então, a resposta lhe chega mais fácil e mais exata!

O movimento bíblico, o Concílio e a Liturgia renovada deram grande realce ao lugar que a Palavra de Deus (especialmente o Evangelho) tem e deve ter na vida da Igreja e dos seus membros, em particular dos fiéis leigos: "O Santo Concílio exorta com veemência e insistência a todos os

fiéis a que, pela frequente leitura das divinas Escrituras (7), aprendam ‘a eminente ciência de Jesus Cristo’ (Fl 3,8).” E o Sínodo extraordinário de dezembro de 1985 chamou a Palavra de Deus e a Liturgia de “as fontes das quais vive a Igreja”.

Talvez sobre este ponto, a Associação deveria ajudar e estimular mais os seus membros, como o fazem outros Movimentos leigos. O Cooperador deveria encontrar todos os dias um breve momento para meditar algum trecho ou alguma frase do Evangelho. Este parágrafo diz: “leitura e meditação possivelmente quotidiana.” Isto deve entrosar-se com a oração pessoal. Se isto lhe for verdadeiramente impossível, pode procurar meios alternativos: alguma noite na semana, a preparação dos textos litúrgicos do domingo... A Associação deveria oferecer meios e subsídios para a formação bíblica dos seus membros, como por exemplo, cursos de verão...

Além do valor insubstituível do próprio contato com Deus através da sua Palavra, o fruto principal está bem claro: trata-se de adquirir uma mentalidade cristã, a capacidade de exercitar o “senso crítico cristão” (art. 29 § 1º) a respeito do mundo e dos acontecimentos, a força para fazer opções oportunas, e sobretudo um amor crescente pelo Senhor e pelo seu Reino.

### **33.3 Eucaristia e Reconciliação (art. 33 §3º)**

Qualquer membro da Família Salesiana sabe muito bem o quanto Dom Bosco insistiu sobre estes dois sacramentos com todos: Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, meninos, Cooperadores e fiéis das paróquias. Recomendava o que está sendo recordado aqui: aproximar-se com verdade, isto é, com fé, precavendo-se contra a terrível tentação do hábito formalista, e com frequência (“com a maior frequência”).(8)

O motivo disto são os imensos benefícios obtidos por aquele que se aproxima deles com fé. A doutrina conciliar e a renovação litúrgica oferecem preciosos aprofundamentos e significativas integrações com a “piedade salesiana sacramental”. Não é aqui o lugar para falar sobre isso; foram expostos longamente na terceira parte do livro Cooperadores de Deus: a alegria de receber e de oferecer.(9) É suficiente ressaltar a visão exata em que o Regulamento recomenda os dois sacramentos.

#### **33.3.1 A Eucaristia**

“Na Eucaristia (o Cooperador) haure na Fonte da caridade pastoral”: o ‘F’ maiúsculo indica que se trata aqui da própria Pessoa de Cristo. Com efeito, a Eucaristia celebra, tornando-o presente sob os sinais sacramentais, todo o insondável mistério do Amor salvador de Cristo; o mistério do seu Coração transpassado, “fonte do espírito salesiano” (art. 26); a sua oferta ao Pai, dentro da qual tem lugar e valor a oferta da vida do Cooperador, como se fala no artigo 32 §3º (10)

E a “comunhão” permite que o Cooperador assimile pouco a pouco esta caridade do Bom Pastor. Para desejar e participar deste mistério, basta um pouco de fé iluminada, um pouco da convicção que o Concílio tentou comunicar a todos: “A santíssima Eucaristia contém todo bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo (...). Ela se apresenta como fonte e ápice de toda a evangelização (...).”(11)

#### **33.3.2 A Reconciliação**

O livro Cooperadores de Deus sintetiza assim o significado deste grande sacramento: “É a celebração, aqui e agora, da Misericórdia ilimitada do Pai pelos seus filhos fracos e pecadores. Eles vêm para serem reconciliados com o Pai e com os seus irmãos na Igreja: recebendo o perdão

dos seus pecados, estão decididos e se tornam capazes de amar melhor.”(12) O conteúdo fundamental destas afirmações se encontra neste parágrafo. Merece um destaque especial a consideração que este sacramento, recebido “com fé e frequência”, impede que o Cooperador durma espiritualmente, o converte cada vez um pouco mais e lhe oferece uma graça especial de crescimento cristão e salesiano. A prática deste sacramento entregará à Associação membros fortes, perseverantes, sempre mais generosamente engajados.

Concretamente, o que quer dizer com frequência? Para Dom Bosco significa “todos os meses”. Efetivamente, pediu que o Cooperador incluísse no exercício mensal da boa morte o ato da confissão.(13) É uma orientação: permite que o Cooperador se oriente com plena liberdade, como achar melhor.

Outra orientação útil: recorde-se que Dom Bosco praticamente ligou a chamada “direção espiritual” ao ato da confissão (mesmo se as duas coisas são, por si mesmas, diferentes). O confessor que recebe regularmente a acusação do seu penitente torna-se também pai espiritual: está em excelente condição para julgar, dar oportunos conselhos, encorajar...(14)

### NOTAS DO ART. 33 — COMENTÁRIOS

1 Cf. SC 84, 100.

2 SC 89.

3 SC 106.

4 SC 102.

5 SC 13.

6 Vejam-se as páginas 288-94 e 322 (rezar como filho de Deus responsável; os quatro cantos da alma cristã; os quatro horizontes da oração universal); depois, as páginas 350-401 (ritmos da minha oração: manhã e tarde).

7 DV 25a cf. AA 4c; GS 4a, 11a, 44b.

8 RDB VIII, 4.

9 Cooperatori di Dio, p.203-79.

10 Cf. LG 34 que foi citado como comentário ao artigo 32 § 3º: a “liturgia da vida” torna-se possível mediante a liturgia da Missa.

11 PO 5b.

12 Cooperatori di Dio, p.253.

13 RDB VIII, 2.

14 Cf. Cooperatori di Dio, p.276-9.



**Art. 34****MOMENTOS FORTES DE DISCERNIMENTO**

§1º - Todos os meses o Cooperador destina um momento de parada e recolhimento para o crescimento da sua vida espiritual e para a eficácia do apostolado. (1)

§2º - A Associação proporciona anualmente a oportunidade de se fazerem os Exercícios Espirituais, como ocasião privilegiada de conversão e retomada. Confrontando a sua vida com o Evangelho e com este regulamento, o Cooperador torna-se disponível para um renovado testemunho e mais generoso serviço. (2)

1 Cf. RDB VIII, 2.

2 Id.

**34.1 Uma insistência tipicamente salesiana e sempre válida (art. 34 §1º e 2º)**

“Aconselha-se que façam cada ano ao menos alguns dias de exercícios espirituais. No último dia de cada mês, ou noutra mais cômoda, (os Cooperadores) farão o exercício da boa morte, confessando-se e comungando, como se realmente fosse o último dia da vida.” Assim Dom Bosco, no seu Regulamento (1) “aconselha” a fazer os exercícios espirituais cada ano. Pede explicitamente (“farão”) o retiro todos os meses. Este detalhe permaneceu no texto atual: “O Cooperador destina um momento...” “A Associação proporciona aos Cooperadores...”.

Dom Bosco pedia o mesmo aos seus Salesianos religiosos e aos seus meninos. Por exemplo, dizia aos Salesianos: “A parte fundamental das práticas de piedade, e que em certo modo as abraça a todas, são os exercícios espirituais que se devem fazer cada ano, e o exercício da boa morte, uma vez por mês.” (2) Não há dúvida de que se encontra aqui um elemento típico essencial da vida espiritual salesiana. E as condições atuais de vida não o tornam menos urgente; pelo contrário!...

A vida de hoje é uma corrida: trabalho cotidiano, preocupações econômicas, relações, visitas e reuniões, estímulos externos contínuos... E o Cooperador, generosamente, acrescenta a tudo isto as atividades salesianas mais diversas! Então corre-se o risco de sufocar-se espiritualmente, de agir perdendo de vista as razões e o significado da ação, de viver sem horizontes e sem profundidade. A ação torna-se agitação, cada vez menos eficiente e cada vez mais vulnerável perante as mil tentações do mundo, a dispersão e divisão interior. O que pode dar para os outros quem está espiritualmente “vazio”?

Para sanar este risco de degradação da energia apostólica, é claro que existem os elementos examinadas no artigo precedente. Mas sente-se a necessidade de alguns momentos mais amplos de descanso, de paradas mais prolongadas. Qual é o motorista que não para regularmente e todo o tempo necessário para um controle do motor e dos pneus, um eventual conserto, o abastecimento de combustível, o estudo do mapa rodoviário para escolher as melhores estradas? Poder-se-ia dizer, com uma comparação mais evangélica: o “retiro” mensal ou anual corresponde àquela pausa à qual o próprio Jesus convidou os seus discípulos depois de um período de intensa atividade: “Vinde à parte, para um lugar solitário e descansai um pouco (junto a mim)” (Mt 6,31).

### 34.2 Modos e frutos do retiro e dos exercícios (art. 34 §1º e 2º)

Está justamente aqui a grande sabedoria de Dom Bosco: propõe uma parada mensal, de ao menos algumas horas; depois uma parada anual de alguns dias numa casa de exercícios.

Cada Centro, através dos seus principais responsáveis, deve enumerar entre as suas tarefas mais graves, a de organizar seriamente o retiro mensal: proporcionar um ambiente recolhido, prever uma breve conferência espiritual e a presença de um confessor... Se acontece que o Centro não organiza nada ou se o Cooperador se encontra impedido de participar do encontro previsto, então organizará por sua conta a sua parada mensal no momento e na forma mais oportuna (“no dia de maior comodidade”, dizia Dom Bosco), prevendo em particular a sua confissão e comunhão, momentos-chaves do retiro, porque momentos de encontro mais profundo com o Senhor.

Os exercícios anuais, ao invés, são organizados em nível inspetorial. Mas quando o Cooperador não tem a comodidade de participar dele, faça os seus exercícios em qualquer lugar, mesmo não salesiano: o importante é que os faça!

Dom Bosco apresenta a mesma finalidade de análise e de conversão a ambos os tipos de parada: mais rápida no retiro mensal, mais profunda nos exercícios espirituais. Em outras palavras:

- de iluminação sobre a própria vida de fé para descobrir o positivo e o negativo à luz do Evangelho e do Regulamento de Vida Apostólica, de forma a discernir os apelos do Espírito Santo; (3)

- de purificação e nova opção de um empenho mais autêntico de amor para com Deus e para com os outros a partir de um forte encontro com Cristo nos dois sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia, encontro cuidadosamente preparado.

Todo Cooperador é pessoalmente o primeiro beneficiário dessas experiências: “crescimento da vida espiritual (...), testemunho renovado (...)”. Mas é claro que o Centro e muitas outras pessoas também estão interessadas nisso: “eficácia do apostolado (...), serviço mais generoso (...)”. Quando os membros “funcionam” bem interiormente, o Centro e as atividades que ele desenvolve funcionam maravilhosamente! Mas se as pessoas não funcionam bem...! (4)

#### NOTAS DO ART. 34 — COMENTÁRIOS

1 RDB VIII, 2.

2 BOSCO, João. Introdução às Constituições. Práticas de piedade. Em: Apêndice às Const. SDB 1984, p.223.

3 Veja-se o título do artigo 34.

4 Encontram-se sugestões práticas em Cooperatori di Dio, p.404-9 (retiro mensal) e 410-33 (exercícios espirituais).

**Art. 35****DEVOÇÕES PRIVILEGIADAS**

§1º - Como Dom Bosco, o Cooperador nutre uma devoção filial e forte a Maria Imaculada, “Mãe da Igreja e Auxiliadora dos cristãos”(1), guia especial da Família Salesiana. Convencido de sua presença viva, invoca-a frequentemente, celebra com fervor suas festas, torna-a conhecida e amada.

§2º - Dirige-se com particular afeto a São José, Padroeiro da Igreja universal. Recorre com confiança à intercessão de São João Bosco, pai e mestre, protetor especial dos jovens; está convencido também de que um modo de o honrar é aprofundar o conhecimento de sua vida e santidade.

§3º - Entre os Santos, modelos de vida apostólica, venera com predileção São Francisco de Sales<sup>2</sup>, Santa Maria Domingas Mazzarello, São Domingos Sávio e os outros Santos e Beatos da Família Salesiana.

1 Don Bosco. Meraviglie della Madre di Dio. Torino, 1868 (OE XX, p.237).

2 Cf. RDB V, 8.

**35.1 Devoção a Maria (art. 35 §1º)****35.1.1 Devoção? Sim, mas no seu sentido teológico pleno**

É a quarta vez que se fala de Maria no Regulamento. Este fato deve atrair a atenção do Cooperador e fazer com que ele evite conceber a sua devoção para com ela como algo intermitente e superficial ou sentimental. Portanto, é preciso interpretar o título do artigo de maneira não redutiva.

Nos artigos 1º §1º, 27 e 28 §2º foi apresentada sucessivamente a intervenção de Maria

- na vocação e na vida de Dom Bosco Fundador,
- na obra de Cristo e na vida da Igreja (Maria, excepcional “Cooperadora de Deus”),
- na vida cotidiana do Cooperador (será retomada no artigo 40).

O presente artigo 35 §1º retoma sinteticamente tudo isso para formar a base e a motivação da devoção “filial e forte” a Maria, à imitação da devoção tão ardente de Dom Bosco. Maria “Imaculada” (a perfeita serva de Deus, modelo de todo cristão), depois “Mãe da Igreja e Auxiliadora dos cristãos”, e finalmente “guia especial (de Dom Bosco e) da Família Salesiana”.

Estes são os títulos que justificam e exigem a devoção do Cooperador. À “presença viva” e permanente de Maria deve corresponder um tipo de devoção que, embora tendo momentos e expressões intensas, é na realidade uma atitude contínua: Maria está “em nossa casa”, e a sentimos todos como presença “familiar” da Mãe sempre atuante. Esta devoção é caracterizada como “filial e forte”: dois adjetivos que incluem juntamente a ternura para com Aquela que é “Mãe” amável e presente e a coragem de obedecer Àquela que é Mãe exigente.

**35.1.2 Três atitudes especiais**

Tendo por base, portanto, um permanente amor “filial e forte”, o Cooperador é convidado a assumir três atitudes especiais:

- invocar Maria com frequência, em numerosas ocasiões, mas particularmente quando se quer obter alguma graça ou proteção especial. Muitos Cooperadores adotaram a prática vigente

nas comunidades salesianas: acrescentar no final das orações ou celebrações a invocação: “Maria, Auxiliadora dos Cristãos, rogai por nós”. É a Nossa Senhora das horas e dos tempos difíceis!;

- celebrar as suas festas com fervor, particularmente ‘8 de dezembro e 24 de maio’, com a novena preparatória. Muitos Cooperadores celebram também a “comemoração mensal” de 24 de maio, no dia 24 de cada mês;

- enfim, torná-la conhecida e amada: a consciência da grandeza do mistério de Maria, da importância das suas intervenções, tanto na Igreja como na Família Salesiana, da doçura da sua presença... levam espontaneamente o Cooperador a difundir a sua devoção, mas de maneira inteligente (torná-la conhecida) e sincera (torná-la amada), sobretudo entre os jovens, que, no sonho de Dom Bosco aos nove anos, ela mesma chamou de “meus filhos”.

### 35.1.3 Três documentos inspiradores que devem ser conhecidos

A respeito de Maria e do seu papel na Igreja e na Família Salesiana, todo Cooperador deve tomar a peito a leitura e o estudo de três documentos de altíssimo valor e vivo interesse:

- um texto do Concílio: o último capítulo da *Lumen Gentium* intitulado: A Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no Mistério de Cristo e da Igreja. Constitui-se numa perfeita síntese teológica da fé cristã a respeito de Maria, apresentada especialmente como excepcional “Cooperadora de Deus” no passado e no presente; (1)

- um texto de Paulo VI: a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* - O Culto da Virgem Maria (2 de fevereiro de 1974). Num momento de crise daquele culto, o Papa oferece, de maneira segura e extraordinária, “algumas diretrizes para a renovação da piedade mariana” (toda a segunda parte) e algumas preciosas “orientações sobre os piedosos exercícios do Ângelus e do Santo Rosário” (toda a terceira parte). Sublinha a beleza e a importância prática do rosário, ao mesmo tempo contemplação, louvor e súplica. Focaliza uma imitação convicta das virtudes de Maria, associada a seu Filho salvador;

- um texto do P. Egidio Viganò: a carta Maria renova a Família Salesiana. (2) Depois de ter explicado luminosamente “a escolha mariana de Dom Bosco”, o Reitor-Mor convida a todos a “conservar Nossa Senhora em casa”, e propõe quatro grandes áreas de renovação mariana: doutrinal, devocional, eclesial e vocacional. (3) No Capítulo Geral, ele disse aos Salesianos: “A Congregação nasceu e cresceu pela intervenção de Maria, e se renovará na medida em que Nossa Senhora voltar a ocupar o lugar que lhe corresponde no nosso carisma.” (4)

## 35.2 São José e São João Bosco (art. 35 §2º)

No céu, ao lado de Nossa Senhora, temos inúmeros irmãos e irmãs! Com eles, que colaboraram para a construção da Igreja e da nossa Família (art. 19 § 3º), nós mantemos viva aquela comunhão que une a Igreja “peregrina e militante” com a Igreja “triunfante” do céu: os santos podem ainda intervir na nossa história para ajudar-nos a ser perseverantes e eficazes no Reino de Deus. (5)

O parágrafo em exame menciona motivadamente dois Santos: São José e São João Bosco. Por quê?

### 35.2.1 São José

É “padroeiro da Igreja universal”, e foi colocado por Dom Bosco entre os patronos das duas Congregações dos Salesianos (6) e das Filhas de Maria Auxiliadora (7) e de toda a sua Família. Em todas as igrejas por ele construídas, Dom Bosco dedicava um altar a São José. Depois de um mês de preparação, celebrava sua festa no Oratório, como dia santo de guarda, no dia 19 de março, quando no Piemonte esta festa tinha sido cancelada como dia de festa. (8) Apresentava-o como

modelo e patrono dos operários, modelo de confiança na Providência, patrono da Igreja e protetor para uma boa morte. É um santo muito simpático e poderoso, que nos leva a amar Nossa Senhora e a Igreja.

### 35.2.2 São Francisco de Sales

Maria Auxiliadora é a “padroeira principal” da Família Salesiana. Ao lado dela, são “padroeiros” São José e São Francisco de Sales, que merecia portanto ter um lugar neste parágrafo (é padroeiro e “titular”: dele tomamos o nome de salesianos, como foi dito no artigo 28 §1º).

Também ele é um modelo muito simpático de doçura e de zelo pastoral. (9) Infelizmente, sua festa em 24 de janeiro está muito próxima do dia 31 de janeiro para ser solenizada como mereceria. O Cooperador compensará esta situação encontrando outras boas oportunidades para contemplar e rezar a São Francisco.

### 35.2.3 São João Bosco

Não é “padroeiro”, mas “pai-fundador e mestre” (as duas expressões já se fazem presentes no artigo 1º §1º), e “protetor especial dos jovens”. No céu goza evidentemente de um poder todo particular de intercessão em favor dos membros da sua Família e dos jovens. É óbvio que cada Cooperador reze a ele, e não apenas por ocasião do dia 31 de janeiro (ou de sua “comemoração”, no último dia de cada mês).

Este parágrafo especifica oportunamente que a devoção a Dom Bosco não pode limitar-se a rezar a ele. Requer-se o aprofundamento constante do “conhecimento da sua vida e santidade”, daquilo que ele fez, do tipo de santo que ele foi. A experiência ensina que a partir deste melhor conhecimento brotam uma maior admiração e confiança e um empenho apostólico mais decidido. Sua devoção será indicada como meio de formação inicial e permanente nos artigos 36 §1º e 37 §1º.

## 35.3 Os outros santos e beatos da Família (art. 35 §3º)

Dois santos da Família são citados como “modelos de vida apostólica”, porque são duas figuras de extraordinária riqueza: Santa Maria Domingas Mazzarello, que certamente intercede de modo especial pelos Cooperadores e Cooperadoras dos centros apoiados numa obra das Filhas de Maria Auxiliadora: e São Domingos Sávio, sinal das maravilhas da graça nos adolescentes, obra-prima de Dom Bosco, o mais jovem santo não-mártir, exemplo de zelo apostólico e de contemplação. Para todo educador salesiano ele é um motivo de esperança, uma luz para um trabalho educativo que leva a uma santidade simples e alegre. Sabem muito bem disto especialmente aqueles Cooperadores que animam grupos de “Amigos de Domingos Sávio”.

“Os santos e beatos da Família Salesiana” formam um impressionante patrimônio de santidade salesiana, que se torna uma corrente espiritual estimulante. São a prova da bênção de Deus sobre ela e da validade da vocação salesiana como caminho de santidade. (10)

## NOTAS DO ART. 35 — COMENTÁRIOS

1 Cf. LG 52-69.

2 Encontra-se em ACS n. 289 (jan./mar. de 1978), p.3-35.

3 Prolongamento desta carta foi o Simpósio Mariano Salesiano da Europa, realizado em Roma (janeiro de 1979): cf. os Atti, riquíssimos: La Madonna dei Tempi Difficili, sob a

responsabilidade de A. PEDRINI. Roma, LAS, 1980. 308p. — No plano prático, Cooperatori di Dio oferece abundantes sugestões: veja as p.436-63.

4 ACG21 589.

5 Cf. o bellissimo texto da LG 49s.

6 Const. SDB 1984, art. 9º.

7 Const. FMA 1982, art. 45.

8 Cf. MB VI, p.191.

9 Cf. RDB V, 8.

10 Encontra-se a lista deles com a apresentação de cada um em Cooperatori di Dio, p.65-105 e 466-81.